

Memórias

... ao proje- ... dos Bruno, O
... a arquitetura pequeno resumo ... de ... dos Arantes e o Casarão
... através de suas an- três imponentes casarões que ... dos Rocha.

O CASARÃO DOS BRUNO

IMAGENS: ACERVO DO AUTOR

O Casarão dos Bruno, localizado na rua Getúlio Vargas, é considerada a edificação mais antiga de Piumhi, construído por volta de 1840/1850, por David Saturnino de Lima, importante líder político em meados do século XIX, ocupando inclusive o cargo de presidente da Câmara Municipal. Também foi fazendeiro, construtor e marceneiro. Trata-se de uma edificação de estilo colonial com características barrocas. As paredes da parte interna foram erguidas no sistema pau a pique e a parte frontal em adobe. Na fachada principal há quatro janelas de esquadrias de madeira e vidro com abertura do tipo guilhotina, e as portas também



faleceu em outubro de 1881. A residência foi herdada pelo filho Américo Bruno de Lima que comprou de outros herdeiros

o casarão no “Espaço Cultural II Bruno” por algum tempo. O atual proprietário é José ... O casarão

que marcaram a história de Piumhi

Jornal Alto São Francisco
03/07/2022 à 25/12/2022



Sumário

A arquitetura Piumhiense através de suas antigas edificações (III). Piumhi e seus casarões.....	4
A arquitetura Piumhiense através de suas antigas edificações (IV). Piumhi e seus casarões.....	5
A arquitetura Piumhiense através de suas antigas edificações (V). Piumhi e seus casarões.....	6
A arquitetura Piumhiense através de suas antigas edificações (VI). Piumhi e seus casarões.....	7
A arquitetura Piumhiense através de suas antigas edificações (VII). Da Igreja do Rosário ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.....	8
Coronel Francisco de Paula Xavier: advogado prático, político e patriarca de família influente.....	9
D ^a Ruth Soares Ferreira Prima: um século de vida e história.....	10
João Lourenço Belo: um coronel progressista e que acabou esquecido pela história de Piumhi (I).....	11
João Lourenço Belo: um coronel progressista e que acabou esquecido pela história de Piumhi (II).....	12
Nossa Senhora do Livramento de Piumhi: paróquia celebra seus 268 anos de criação na sexta, 26.....	13
A Independência do Brasil na História Piumhiense (I). ‘Laços ao chão, independência ou morte seja a nossa divisa’.....	14
A Independência do Brasil na História Piumhiense (II). ‘Comprar bonus da independência é um elementar dever de patriota’.....	15
.A Independência do Brasil na História Piumhiense (3). Colégio João Machado: o início de uma tradição.....	16
Ovídio Arantes de Melo: uma vida dedicada à SSVP e aos pobres de Piumhi (I). Um dos maiores filantropos e ativistas sociais Piumhienses.....	17
Ovídio Arantes de Melo: uma vida dedicada à SSVP e aos pobres de Piumhi (II). ‘A vida não é só para a gente, mas é principalmente para os outros’.....	18
Uma importante contribuição para a história da região Neylson Arantes lança seu 5º livro: ‘Desterrados de Furnas’.....	19
‘Maria, Maria’, sexta obra de Rita Mourão. Convite à reflexão do complexo ciclo da vida.....	20
No alto da serra da Pimenta, um lugar conhecido como Cemitério dos Índios.....	21
Sobrado da Paróquia: casa paroquial, hotel, colégio e apartamentos de aluguel em um século de história ‘A Paroquia possui a melhor casa paroquial de todo o Bispado’; Dom Manoel Nunes em setembro de 1932.....	22
Breve histórico da escola municipal Josino Alvim. Os 77 anos de um ícone na Educação em Piumhi.....	23
Josino de Paula Alvim: de agrimensor a reverenciado com o nome de grupo escolar.....	24
Lira São José: fundada por Pedrinho Veloso a instituição beira um século de existência despertando o amor e a vocação pela música Corporação surge em 1923 da fusão de outros quatro grupos.....	25
Ana Catharina de Jesus: a encarnação da humildade, mulher de fé e de muitas rezas.....	26
Dr. Severo Ribeiro: juiz, advogado, precursor da imprensa Piumhiense e esquecido de nossa história.....	27
Trajano Pinheiro Ribeiro: pedreiro, sacristão e o legado de simplicidade e idoneidade.....	28
Piumhi Tênis Clube, 70 anos: um terreno neutro num campo de batalha política.....	29

A arquitetura piumhiense através de suas antigas edificações (III)

Piumhi e seus casarões

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Dando sequência ao projeto de conhecer a arquitetura piumhiense através de suas an-

tigas edificações, lançado há duas semanas, apresentamos aos leitores nessa edição um pequeno resumo histórico de três imponentes casarões que

foram testemunhas de muitos episódios da história piumhiense: Casarão dos Bruno, O Sobrado dos Arantes e o Casarão dos Rocha.

O CASARÃO DOS BRUNO

O Casarão dos Bruno, localizado na rua Getúlio Vargas, é considerada a edificação mais antiga de Piumhi, construído por volta de 1840/1850, por David Saturnino de Lima, importante líder político em meados do século XIX, ocupando inclusive o cargo de presidente da Câmara Municipal. Também foi fazendeiro, construtor e marceneiro. Trata-se de uma edificação de estilo colonial com características barrocas. As paredes da parte interna foram erguidas no sistema pau a pique e a parte frontal em adobe. Na fachada principal há quatro janelas de esquadrias de madeira e vidro com abertura do tipo guilhotina, emolduradas também em madeira. A base da fachada é recoberta por pedras ouro-preto pintadas de ocre e as vigas ornadas por cunhais de madeira com peças frisadas de mesmo material. A cobertura é coroada por cimalha em madeira de beleza encantadora. A casa serviu de residência para o seu construtor que



IMAGENS: ACERVO DO AUTOR

faleceu em outubro de 1881. A residência foi herdada pelo filho Américo Bruno de Lima que comprou partes de outros herdeiros. Américo transformou o casarão em hotel e após o seu falecimento em 1937, o casarão passou a ser propriedade de seu filho José Segundo Bruno de Lima que manteve a sua finalidade residencial e hoteleira. Hebe Bruno foi a sua penúltima proprietária e transformou parte de sua

casa no “Espaço Cultural II Bruno” por algum tempo. O atual proprietário é José Cláudio Bruno. O casarão passou em 2012 por uma reforma que lhe deu a atual configuração, corrigindo problemas estruturais e dando à casa maior segurança. Essa intervenção não foi a primeira sofrida pelo belo exemplar que ainda se mostra esplêndido mesmo após quase duzentos anos após a sua construção.

A arquitetura piumhiense através de suas antigas edificações (IV)

Piumhi e seus casarões

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Na edição de hoje conheceremos a história de quatro

belíssimos exemplares arquitetônicos históricos de nossa cidade: Casarão da Dona Dinguinha, a Casa do Joanico

Leonel, a Casa do Dr. Avelino de Queiroz, hoje Casa da Cultura e o prédio da antiga Cadeia Pública.

CASARÃO DA D^a DINGUINHA

Erguido em 1940 por Geraldo Sansoni, um dos principais construtores da época por encomenda do comerciante José Alves Terra para servir de sua residência. Localiza-se na rua Armando Viotti, nº 290. Trata-se de uma construção eclética com 185 metros quadrados de área construída, edificada em alvenaria de tijolos, com exceção da fachada frontal que é de adobe. O acesso é feito através de portão em ferro fundido, escada e alpendre lateral esquerdo. O alpendre possui cobertura independente em laje plana com frontão triangular e piso em granito, assim como a escadaria. A fachada principal é dividida em três partes principais, sendo uma central mais larga e duas extremas, mais estreitas; divididas por pilastras semi-embutidas na alvenaria. Possui quatro vãos de janelas, sendo duas centrais, com vergas em arco pleno, e as demais com verga reta. Sobre os vãos frisos horizontais e uma cimalha marcam o início do coroamento em platibanda, que também se distingue nas três porções da fachada, sendo o central com linhas mais retas e os das extremidades com contornos curvos. Toda a fachada é omada por variados elementos geométricos dando à edificação de longe o título de ser a construção piumhiense mais rica em detalhes e



IMAGENS: ACERVO DO AUTOR

adornos. Depois da família Terra residiu na casa Dona Noêmia, viúva do promotor Dr. Eduardo Heringer. Serviu também de sede provisória da Escola Estadual Professor José Vicente quando esta estava passando por reformas. Por volta de 1970, João Batista adquiriu a residência, mas não chegou a morar nela, vendendo logo em seguida para Raphael Ferreira Leite e Maria Aparecida Ferreira Leite, esta a atual proprietária que reside no imóvel juntamente com seu filho que possui um consultório fonoaudiólogo num dos cômodos da casa. A fotografia mostra o aspecto da construção atual.

CASA DO JOANICO LEONEL

Localizada à rua Getúlio Vargas, nº 434, esquina com a rua Armando Viotti. A casa foi construída em 1950, para ser a residência de João Leonel de Oliveira e Ana Soares, que ali moraram desde então. A atual proprietária do imóvel é a filha do casal Dulce Leonel. Trata-se de uma construção térrea de 173,88 metros quadrados e foi erguida em sistema de alvenaria de tijolos. O que chama atenção da edificação é a existência de um alpendre central cilíndrico no vértice do encontro entre dois blocos retangulares dispostos perpendicularmente entre si. O alpendre era marcado por três vão abertos em arco, sendo o central o único de passagem. O bloco esquerdo possui cinco vãos de janelas, três com arremates em arco pleno e outros dois retos. O bloco direito possui quatro vãos em arco pleno, sendo três de janela e um para entrada da garagem. As janelas são vedadas por esquadrias e bandeiras fixas de madeira, vidros e veneziana. O arremate



do coroamento é feito por laje em beiral. Na fotografia o aspecto da construção antes das últimas intervenções.

CASA DO DR. AVELINO

Trata-se de uma construção neocolonial térrea situada na esquina da praça Dr. Avelino de Queiroz com a rua João da Costa Mesquita. Não existem informações exatas sobre a época de sua construção, mas algumas informações dão conta de que teria sido erguida no início do século XX para ser a residência e consultório do Dr. Avelino de Queiroz, importante médico e político da região. Construída no sistema de alvenaria em tijolos, com a fachada principal voltada para a praça, possui cinco vãos de janelas com vergas em arco pleno e guamecidas por argamassa com frisos. O acesso principal é feito através de gradil metálico, escada e alpendre lateral direito. A casa está suspensa do chão por intermédio de um embasamento revestido por pedras na fachada frontal. O piso é de taco nas salas e quartos, ladrilhos cerâmicos nas áreas molhadas e cimentado nos fundos. Consta que o Dr. Avelino de Queiroz residiu e trabalhou nesse imó-



vel até 1933, quando se mudou para o Rio de Janeiro, ficando depois de então a residência fechada por aproximadamente 20 anos. Após esse período ela foi vendida para o senhor Gerson Lopes que nela residiu até a sua morte. Os herdeiros venderam o imóvel em 2002 para a Prefeitura Municipal de Piumhi transformando-a em Casa da Cultura. Trata-se da única construção piumhiense protegida pelas regras do tombamento.

ANTIGA CADEIA PÚBLICA

O prédio da antiga cadeia de Piumhi foi edificado em meados da década de 1920 por iniciativa do Governo do Estado de Minas Gerais. Dotado de estilo eclético, localizado na esquina da rua Artur Rodrigues da Costa com a rua Roberto Tomás. A edificação foi erguida no sistema de alvenaria em tijolos. Na fachada principal há 9 vãos de janelas com vergas retas e sobrevergas descoladas no segundo pavimento. A vedação se dá por esquadrias metálicas e vidro. O prédio é omado por elementos geométricos em massa, frisos, cimalhas, listel horizontal com denticulos e outros. A platibanda retangular é centralizada por um frontão triangular com o brasão da justiça esculpido na massa. A edificação serviu de presídio e delegacia até o ano de 1992 quando foi inaugurado o novo presídio no bairro Colina. Trata-se de uma bonita obra da arquitetura piumhiense que apesar da idade ainda se impõe



como uma das mais belas construções da cidade.

Fale com o autor: professorluismelo@gmail.com

A Arquitetura Piumhiense Através de Suas Antigas Edificações (V)

Piumhi e seus casarões

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Ao longo desta semana recebi a grata surpresa de um e-mail enviado pelo diretor do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia (IFMG), Campus Piumhi, professor Humberto Coelho de Melo, no qual expressou: “Parabéns por mais uma coluna fantástica sobre a Memória Piumhiense. Esses registros sobre a arquitetura, urbanismo e patrimônio histórico são muito ricos!

Obrigado por nos proporcionar a oportunidade de acesso a estes conteúdos através de seu excelente trabalho”. Registro aqui os meus sinceros agradecimentos pelo apoio e incentivo ao meu trabalho. Na edição de hoje conheceremos um pouco da história do ‘Casarão das Rosas’ o mais belo exemplar arquitetônico de Piumhi e um pouco sobre a origem da Escola Dr. Avelino de Queiroz, cujo processo de tombamento foi recentemente iniciado.

O CASARÃO DAS ROSAS

O Casarão das Rosas foi construído em 1864, com um pé direito de 4 metros de altura, para ser a residência de italianos e seus descendentes. Moraram nela as famílias de Estevam Antônio Terra, Francisco Carrato e Francisco Camarano. Otacílio Gonçalves (Tatá) Tomé adquiriu a casa em 2002 e depois de fazer algumas reformas de conservação mantendo o caráter residencial do imóvel até que no local foi instalado o Departamento de Assistência Jurídica (DAJ) da Faculdade São Francisco de Piumhi, mantendo essa destinação até 2021 quando foi colocado à venda. A construção mede 180 metros quadrados, sendo erguida em sistema de alvenaria de tijolos. O acesso é feito através de um portão de ferro fundido, escada e alpendre com cobertura independente e piso de cerâmica. O piso da casa é de assoalho de madeira com exceção da cozinha e sanitários que possuem piso de cerâmica. O apelido de Casa das Rosas deve-se aos adornos em formato de rosas que compõem o embelezamento de sua parte frontal. Esses adornos em argamassa, cimalthas e contêm ainda uma listra horizontal com denticulos. Ainda na fachada, vemos três vãos de janelas com vergas retas, vedadas por esquadrias e bandeiras fixas em madeira e vidro com balcão entalado protegido por ba-



ACERVO DO AUTOR

laustrada. A edificação também se enquadra como uma das mais belas construções arquitetônicas da cidade e a sua venda coloca em risco a manutenção de sua existência, ficando a sugestão para que seja adquirida pela municipalidade e transformada em um museu histórico. A foto recente demonstra a situação do imóvel.

Essas edificações são apenas exemplos de muitas outras que compõem a eclética arquitetura piumhiense. A história dessas construções associada à sua análise permite compreender a evolução dos métodos de construção, dos estilos arquitetônicos e até mesmo a identidade cultural de nosso município. Sonho em transformar essa edificação no Museu e Arquivo Público de Piumhi.

O PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR

Antigamente a educação era um privilégio de poucos que tinham condições econômicas de contratar professores particulares ou se manterem em algum internato existente em outras cidades. Após a criação da “Vila do Piumhi”, em 1841, instalada no ano seguinte, começaram a surgir uma espécie de escolas públicas, mas sem uma sede institucional. Nessa condição, muitos professores davam aulas debaixo de árvores, em casa, galpões ou mesmo ao relento.

No Brasil, o ensino primário só se tornou obrigatório em meados da década de 1930.

Proclamada a República, em 1889, o panorama da educação pública pouco mudou. Em Piumhi, Dr. Avelino de Queiroz foi um dos pioneiros na luta pela construção de uma escola pública. Natural da cidade de Campos - RJ e nascido no ano de 1877. Formado em medicina no Rio de Janeiro no ano de 1899, chegou a Piumhi no ano seguinte e promoveu uma verdadeira revolução na cidade: fundou o Hospital de Misericórdia de Piumhi, ajudou a fundar a SSVP, atuou politicamente comandando as rédeas do município entre os anos de 1912 a 1926, conseguindo importantes conquistas para o desenvolvimento do município.

A luta para dotar nossa cidade de uma escola pública não foi uma tarefa fácil e simples. Inicialmente conseguiu-se a autorização da abertura da escola através do decreto estadual nº 3.856, de 2 de abril de 1913, assinado pelo então Presidente de Estado (atual cargo de Governador do Estado) Dr. Júlio Bueno Brandão. A assinatura do decreto não colocou a escola em funcionamento, mas apenas abriu caminho para que o processo iniciasse. O costume da época determinava que a construção do prédio escolar devesse ser empreendida pelo município. Quando pronta, a escola era instalada e então o Estado assumiria as despesas com funcionários e professores.

Tão logo o decreto foi assinado, a construção da escola foi iniciada. Escolheu-se um terreno amplo “na rua que seguia para as Pindaibas”, na época, quase fora da cidade. Outro grande defensor do projeto de dotar Piumhi de uma escola pública foi o empreendedor Tabelião Ovídio Arantes, o qual teve participação decisiva na construção do prédio. Conforme as anotações de Dario de Melo em trabalho genealógico



ACERVO DO AUTOR

da família de sua esposa, o tabelião Ovídio Arantes: “Lançou a ideia da construção do primeiro Grupo Escolar em Piumhi, batendo-se por ela a ponto de incompatibilizar com políticos da época, mas conseguindo seu intento, cujo prédio é hoje o Grupo Escolar Dr. Avelino de Queiroz, o qual foi construído por seu cunhado Domingos Polcaro”.

José II Bruno de Lima, completou que: “na construção do Grupo escolar Dr. Avelino de Queiroz: foi seu braço direito, em cujos ombros pesava toda responsabilidade da obra que demandava organização, providências e duro sacrifício”. Domingos Polcaro, o construtor do prédio da escola era um típico imigrante italiano que deixou importantes marcas na arquitetura piumhiense, certamente trazidas de sua pátria de origem. Polcaro faleceu em Piumhi em 25 de outubro de 1936.

O Grupo Escolar Dr. Avelino de Queiroz foi festivamente instalado no ano de 1921, tendo como primeiro diretor o professor José Vicente Martins. Ao longo dos anos o já centenário prédio foi palco de inúmeras reformas. Um incêndio em setembro de 1994 o destruiu quase que totalmente. Graças ao empenho e dedicação da então diretora Mari da Silveira Mota Bonissson a escola foi reconstruída.

O arquivo da escola sucumbiu às chamas e com ele parte da originalidade do prédio. Recentemente, em junho de 2022, o Conselho Municipal de Cultura e Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Piumhi aprovou o Tombamento integral do prédio da centenária escola, uma medida que visa a sua preservação e impede que a edificação sofra intervenções e descaracterizações em seu estilo histórico e arquitetônico.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. A arquitetura Piumhiense através de suas antigas edificações (V). Piumhi e seus casarões. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 17 jul. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

A Arquitetura Piumhiense Através de Suas Antigas Edificações (VI)

Piumhi e seus casarões

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

No penúltimo capítulo desta série sobre exemplares arquitetô-

nicos de nossa cidade trazemos mais três belos exemplos de antigas edificações que nos ajudam a compreender a própria história

do município: O ‘Casarão da Rua Visconde de Ouro Preto’, O ‘Casarão dos Beraldo’ na rua João Pinheiro e a ‘Casa do Além’.

O ‘CASARÃO DA VISCONDE’

Não se faz necessário muitas pesquisas para constatar que o eixo do povoamento inicial de Piumhi foi entre o Córrego do Lavapés e a antiga capela existente no local da primeira Matriz. Assim, as atuais ruas Floriano Peixoto, Visconde de Ouro Preto, Djalma Dutra, João Pinheiro, Dorésópolis, Treze de Maio foram as primeiras ruas da povoação que um dia se transformaria na cidade de Piumhi. Certamente, as edificações mais antigas estariam nessas imediações, mas como se observa nos dias atuais, nada ou quase nada dos tempos primitivos de Piumhi sobreviveu à era contemporânea.

Entretanto, uma construção residencial na rua Visconde de Ouro Preto esquina com a Clodoaldo da Costa Lima, chama a atenção de quem por ali passa. Trata-se de um imóvel hoje utilizado para fins residenciais e que já atingiu a marca de um século de existência. Construída em 1918, para ser a sede de uma fazenda que ali existia, a casa é dotada de estilo colonial, com partido quadrado e fachada principal simétrica com cinco vãos sendo uma porta central e duas janelas de cada lado. As janelas têm duas folhas tipo guilhotina vedadas por vidros em esquadrias de madeira. A porta tam-



FOTOS: ACERVO DO AUTOR

bém tem duas folhas de abrir hoje pintadas na cor azul e bandeira na cor branca. As vergas dos vãos são retas com enquadramentos em madeira. Construída em tijolos de barro e coberta com telhas francesas. No seu plano original a edificação era maior no lado esquerdo, porém, na década 1950 parte da mesma foi demolida. Em 1997 foi construído um anexo que se liga internamente a parte nova à construção antiga.

Ao longo de sua história o imóvel serviu de residência, bar, clube particular para associados e novamente residência. O casarão lembra um passado nostálgico e o

registro mais antigo é do início da década de 1940, constando como propriedade de Sabina de Paula Alvim, Hélio Francisco Alvim, Eulina Almada Alvim e Gutemberg Alvim, havido do espólio de Josino de Paula Alvim. Até 1990 a propriedade passou pela mão de diversos proprietários, Gerson Lopes da Cunha, José Neca da Costa que a adquiriu em 1950. Quatro anos mais tarde toma-se propriedade de Nelson Roldão de Camargos. Nos anos 80 pertenceu à Maria Justina Silveira e depois Amintas Coura Neto que a vendeu ao atual proprietário, Oswaldo Paim Pamplona, em 1993.

O ‘CASARÃO DOS BERALDO’

No mesmo eixo citado destaca-se outra imponente construção, chamada popularmente como ‘Casarão dos Beraldo’, localizada no princípio da rua João Pinheiro. Construída no início da década de 1930 para ser a residência da família de Maria Jovita Menezes, em terreno anexo de 800 m². Falecida em 1935 o imóvel foi dividido entre o cônjuge sobrevivente e os filhos do casal. Em 2 de janeiro de 1943 a casa com o terreno anexo foi adquirido por João Berigo Filho e sua esposa Maria Theodora de Oliveira, os quais permaneceram como proprietários até 15 de outubro de 1945 quando a venderam à Antônio Beraldo Rodrigues e sua esposa Maria Joana Lopes. Esta viveu-se em 1952 quando promoveu o desmembramento do terreno e lotes e os vendeu, permanecendo apenas com a residência até 28 de fevereiro de 1983 quando foi vendida ao filho Waldemar Beraldo Lopes que residiu na residência até sua morte em 2005. Posteriormente por herança passou a Marlene Garcia Gonçalves, desta para Roberto Garcia Gonçalves por escritura pública de compra e venda e recentemente foi adquirida por Yedda Andrade Lemos Garcia.



Edificada em terreno de declive o que permitiu a existência de um porão acessado pelos fundos da residência. Dotada de estilo arquitetônico eclético, adotando partido em formato de “U”. Na fachada há cinco vãos com vergas retas e sem enquadramento, constituindo-se de quatro janelas e uma porta. As janelas possuem duas folhas de abrir de madeira e a porta é semelhante às janelas, porém com bandeira vedada por vidro. A fachada também é ornada por frisos largos e verticais à semelhança de colunas com

capitéis. Alvenaria em tijolos de barro, telhado composto por telhas coloniais e platibanda tipo coroa-mento. Internamente os cômodos são grandes e com piso de tabuado largo e forro de tabuado simples, exceto a cozinha e banheiro que possuem piso cerâmico e forro de madeira entrelaçada em formato quadriculado. Testemunha de muitos acontecimentos da história da cidade, o ‘Casarão dos Beraldo’ é hoje um belo exemplar da arquitetura antiga de Piumhi e que insiste em se manter de pé.

A Arquitetura Piumhiense Através de Suas Antigas Edificações (VII)

Da Igreja do Rosário ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Nesse último capítulo desta série trazemos uma reflexão da antiga Igreja do Rosário ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima obra empreendida pelo benemérito padre Abel

em parceria perfeita com o engenheiro prático Geraldo Sansoni, grande expoente da construção civil e da arquitetura piumhiense em tempos de outrora. Fica a sugestão aos acadêmicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFMG) de

Piumhi traduzir em trabalho monográfico os legados históricos da arquitetura de Geraldo Sansoni, personagem que além de reconhecimento merece todo carinho e respeito dos piumhienses pelo amor que sempre devotou à sua terra natal.

A ANTIGA IGREJA DO ROSÁRIO

No período colonial e depois na época do Império era quase costume obrigatório a construção de uma Igreja dedicada à Nossa Senhora do Rosário. Na maioria das vezes a construção do templo estava ligada a uma Irmandade Religiosa e ao regime de escravidão. A Senhora do Rosário era de predileção dos negros escravizados. Um regime segregacionista impedia que os negros frequentassem as Irmandades dos Brancos, surgindo aí as Irmandades dos Negros. Além de construírem os seus templos as Irmandades também se dedicavam ao sepultamento dos seus mortos, o que justifica a existência de inúmeros cemitérios em cidades históricas, quase um em cada Igreja.

Em Piumhi a história foi um pouco diferente, pois seguiu rumo contrário do convencional: surgiu primeiro a Igreja do Rosário e à partir dela criou-se a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Aqui também, a segregação entre brancos e negros não foi tão acentuada como no auge da mineração. Isso não quer dizer que não existiu preconceito racial, mas que ele não foi tão gravoso quanto em outros



lugares. A Igreja do Rosário foi construída por iniciativa dos padres Balbônios, missionários da Ordem dos Capuchinhos, não tinham parada fixa, pois tinham como missão propagar a fé, construir igrejas e cemitérios. Esses padres passaram por Piumhi por volta de 1852 e deixaram três legados importantes: Capela da Cruz do Monte, Igreja do Rosário e o Cemitério Eclesiástico.

Erguido sobre as técnicas de construção de meados do século XIX, as paredes eram de adobe com fachada extremamente simples exibindo para a parte exter-

na do templo um sino de tamanho médio que ficava ao lado de uma pequena janela, por onde uma corda o fazia ressoar. O templo tinha dois pavimentos. O térreo era dedicado às celebrações religiosas e no pavimento superior cujo piso era assoalho de madeira realizava-se reuniões.

O templo sofreu ao logo dos anos a implacável ação do tempo, parte da parede do pavimento superior cedeu e foi reconstruído com tijolos de barro. Interessante que os reformadores do templo não se preocuparam em rebocar e os tijolos ficaram aparentes destoando com o restante do templo.

O SURGIMENTO DO SANTUÁRIO

Em fins da década de 1940, depois de concluir e inaugurar a nossa majestosa Matriz, o padre português, Abel de Abreu Vouguinha cismou, a contragosto de muitos piumhienses, de dar cabo à antiga Igreja do Rosário, para no lugar levantar novo templo de estilo arquitetônico eclético com ares modernistas.

A nova construção se destacava pela imponência e magnitude, construída em apenas seis anos, o templo foi elevado a Santuário por vontade do padre que o construiu. Quis o padre, segundo Ovídio Arantes de Melo, manter a padroeira antiga do templo: Nossa Senhora do Rosário e inserir nela a Nossa Senhora de Fátima, título de sua predileção e devoção, ficando a nova igreja dedicada à mistura das duas: Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Essa obra foi integralmente projetada e executada por um dos maiores e mais importantes construtores de Piumhi, Geraldo Sansoni. Trata-se de uma construção sólida e riquíssima em detalhes e que chega a fazer inveja em muitos engenheiros e arquitetos de nosso tempo. Apesar do conhecimento prático de engenharia, Sansoni, descendente de imigrantes italianos, deixou seu nome escrito nos anais da construção civil e na arquitetura piumhiense. É necessário registrar a importância da parceria entre o Padre Abel e Geraldo Sansoni, legando-nos um magnífico templo católico, sem dúvida um referencial na arte arquitetônica religiosa de nossa cidade.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com



SAAE	SERVIÇO AUTÔNOMO DE ÁGUA E ESGOTO DE PIUMHI
EXTRATO CONTRATO Nº07/2022 EDITAL TOMADA DE PREÇO Nº 02/2022 PROCEDIMENTO LICITATORIO Nº 21/2022. MENOR PREÇO GLOBAL. firmado entre o Serviço Autônomo de Água e Esgoto de PIUMHI-MG e a empresa RMVD INSTALAÇÕES ELÉTRICAS LTDA ME. Objeto: contratação de empresa especializada para na área de engenharia para construção civil da sala elétrica e da subestação nº 2 CEMIG construção da mureta do padrão de energia do mirante, montagem eletromecânica de subestação abrigada primária nº 2 de medição e transformação com ramal de entrada subterrâneo em média tensão 13,8kv, abrigada com transformador de 500 kva 380/220v ligação triângulo estrela, com encapsulamento em epóxi, ramais alimentadores, distribuição de força e iluminação da sala elétrica e casa de bombas, sistema de aterramento e SPDA, equipamentos, padrão energia reservatório mirante, iluminação externa reservatório mirante, programação de PLC específica, para atender a demanda da estação de tratamento de água (ETA), Piumhi -MG no valor global de R\$1.423.021,65 (um milhão, quatrocentos e vinte e três mil, vinte e um reais e sessenta e cinco centavos). Dotação Orçamentária: Programa: 03.01.01.17.512.0447.1062 e Elemento de Despesas 4.4.90.51, do exercício de 2022 e sua correspondente para o exercício subsequente. Validade do Contrato: 06 meses iniciando em 13/07/2022 e encerrando em 12/01/2023 Eduardo de Assis – Diretor Executivo do SAAE. Piumhi, 27 de março de 2022.	
EXTRATO CONTRATO Nº08/2022 PREGÃO ELETRÔNICO Nº 08/2022 PROCEDIMENTO LICITATORIO Nº 27/2022. MENOR PREÇO GLOBAL. firmado entre o Serviço Autônomo de Água e Esgoto de PIUMHI-MG e a empresa CELASA ANALISES LTDA - ME - Objeto: realização de análises da qualidade da água para abastecimento público, em cumprimento às exigências do Anexo XX da Portaria de Consolidação nº 5 - alterado pela portaria nº 888 de maio de 2021 do Ministério da Saúde e Resolução CONAMA Nº 357 de 17 de Março de 2005 – Art. 15, para Águas Doces Classe II; e análises químicas em amostras de esgoto, conforme CONAMA 430/2011, a Deliberação normativa conjunta COPAM/CERH/MG nº 01/2008 e ABNT/NBR 10 004/04, do município de Piumhi incluindo Distritos, englobando a adequada coleta, preservação e transporte das amostras, conforme especificações do Termo de Referência, parte integrante deste contrato, no valor global de R\$ 57.348,00 (cinquenta e sete mil, trezentos e quarenta e oito reais). Dotação Orçamentária: Programa: Programas 03.01.01.17.511.0447.2160, 03.01.01.17.511.0449.2161, 03.01.01.17.512.0047.2162, 03.01.01.17.512.0449.2163 e Elemento 3.3.90.39.00, do exercício de 2022 e sua correspondente para o exercício subsequente. Validade do Contrato: 12 meses iniciando em 25/07/2022 e encerrando em 24/07/2023. Eduardo de Assis – Diretor Executivo do SAAE. Piumhi, 27 de março de 2022.	

MELO, Luís Augusto Júnio. A arquitetura Piumhiense através de suas antigas edificações (VII). Da Igreja do Rosário ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 31 jul. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

CORONEL FRANCISCO DE PAULA XAVIER

Advogado prático, político e patriarca de família influente

ÁLBUM DE FAMÍLIA



O Coronel Chico de Paula ao centro de sua numerosa família, casamento com irmã gêmea da noiva prometida

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Certa vez participei de uma conversa entre um funcionário da Prefeitura e o saudoso professor Gilmar Lima, na qual este indagou o empregado público “de onde vocês tiraram os nomes das ruas do bairro Nova Esperança?” e ouviu como resposta “pegamos o livrinho do Oscar Rocha e seguimos a relação dos prefeitos”. Apesar das homenagens serem muito justas, não se realizou naquela época um estudo biográfico dos agraciados e isso trouxe como consequência o desconhecimento da história dos personagens. Curioso também foi o fato de alguns terem sido excluídos do rol. Pensando nisso, tentaremos resgatar a história de algumas dessas pessoas para que os piumhienses de hoje possam conhecê-los. Hoje trazemos às páginas do ALTO S. FRANCISCO a biografia do Coronel Francisco de Paula Xavier, conhecido carinhosamente como Coronel Chico de Paula.

Francisco de Paula Xavier era homônimo de seu pai. Sua mãe chamava-se Ana Francisca de Paula. Nasceu no então distrito de Pimenta, quando este pertencia ao município de Piumhi, em 26 de abril de 1845. Foi batizado pelo Padre João Gonçalves de Melo. Cresceu entre Pimenta e Piumhi. Teve a oportunidade de ser alfabetizado, o que era um grande privilégio naquela época em razão da falta de escolas e do diminuto número de professores. Moço feito revelava ser dono de uma grande inteligência, a qual sempre foi aprimorada pelo hábito da leitura e pela constante busca do conhecimento. Aos poucos foi conquistando seu espaço na sociedade piumhiense e se tornou personagem de grande respeito e querido por todos.

Desejando construir a sua família, Chico de Paula como ficou conhecido, passou a buscar uma pretendente. Sabendo que na casa de Manoel Soares de Oliveira havia muitas disponíveis, passou a proceder as negociações ditadas pelos costumes daquela época. Manoel Soares era conhecido por Mané Soares e foi importante político piumhiense no século XIX, tendo além da vereança presidido a Câmara Municipal algumas vezes. Mané também ocupou o cargo de Juiz Municipal e atuou como rábula, ou seja, advogado prático. Casar com uma filha de Mané Soares

era a escolha de um bom partido.

Depois das conversações articularam o casamento com a bela Querubina Diolina de Oliveira Alvim, moça muito bonita para os padrões da época. Mané se comprometeu de se encontrar com o vigário e acertar sobre o casamento. Ao ter-se com o sacerdote marcou o casamento de Chico de Paula com Diolina Cherubina de Oliveira Alvim, irmã gêmea da que havia sido prometida em casamento. A decisão de Mané se justificava no fato de Diolina ser um pouco desprovida de beleza e na ideia que seria mais fácil casar a Cherubina depois, vez que esta era mais bonita. As gêmeas nasceram em Piumhi em dias de março de 1856, batizadas no dia 10 do mesmo mês e ano, tendo Diolina como padrinhos Francisco Maximinianno de Castro e Anna Justina da Conceição, enquanto Querubina foi apadrinhada por seu tio José Soares de Oliveira e Maria Querubina da Conceição.

O dia marcado para o casamento foi 13 de maio de 1874. Diolina foi paramentada, isto é, vestida de noiva com véu e grinalda e tudo que se tinha direito e Chico de Paula foi para a Igreja sem saber da trama. Casou sem ver o rosto da noiva em razão de tantos panos que cobriam a face dela. O Cônego Modesto Luiz Caldeira foi o celebrante e serviram de testemunhas Alexandre Francisco Lopes e João da Costa Xavier. Ao chegar em casa e ver o rosto da noiva, Chico de Paula não se conteve e cochichou com os empregados e escravos da casa: “*Tomei uma manta danada*”. O descontentamento ficou nisso, pois Chico recebeu Diolina como sua esposa tendo deixado importante geração para a sociedade piumhiense com ela. Querubina, a noiva original, se casaria em 16 de outubro de 1880 com o Coronel Heitor Antônio de Lima e Mello, outro homem das leis e que batiza a rua ao lado da rua Francisco de Paula Xavier.

Chico de Paula e Diolina tiveram os filhos Ulisses de Paula Alvim, nascido em 8 de setembro de 1875 e falecido em 28 de junho de 1941; Deusdedith de Paula Alvim, nascido em 11 de julho de 1877 e falecido em 9 de novembro de 1917; Maria de Paula Alvim, nascida em 31 de dezembro de 1878 e falecida em 27 de junho de 1933; Coriolano de Paula Alvim, nascido em 12

de novembro de 1880 e falecido em 27 de julho de 1933; Francisca de Paula Alvim, nascida em 12 de fevereiro de 1882 e falecida em 17 de abril do mesmo ano; Francisca de Paula Alvim, nascida no dia 6 de agosto de 1883 e falecida 28 de junho de 1933; Josino de Paula Alvim, nascido em 17 de agosto de 1885 e falecido em 2 de outubro de 1941; Ilídia de Paula Alvim, nascida em 25 de setembro de 1887 e falecida em data desconhecida, Gasparino de Paula Alvim, nascido 14 de fevereiro de 1893 e falecido em 19 de junho de 1977. Não sabemos por que o Coronel Chico de Paula abandonou seu sobrenome familiar Xavier preferindo o Alvim de sua esposa.

O convívio com o sogro o conduziu às lides forenses. Homem culto e de bons argumentos logo se fez advogado prático, tornando um dos procuradores de partes mais requisitados. Tornou-se também por influência de seu sogro um líder político conseguindo-se fazer Presidente da Câmara Municipal nos anos 1888-1889. Se fez também Coronel da Guarda Nacional.

Diolina faleceu “*de morte natural e causa ignorada*” em 15 de dezembro de 1903, ocasião em que contava com seus 48 anos de idade. O sepultamento aconteceu, segundo o registro de óbitos, “*no cemitério antigo desta cidade*”. O Coronel Chico de Paula foi desenganado pelos médicos desde 1895, mas conseguiu chegar aos 73 anos graças ao seu modo de vida. Apesar dos 8 meses de muito sofrimento “a clama e presença de espírito foram inabaláveis até os últimos momentos” anotou seu filho Josino de Paula Alvim em uma agenda. Viveu no estado de viúvo até 24 de novembro de 1917, quando pelas 7 da manhã se despediu deste mundo, tendo falecido de “*morte natural – assistolia cardio-renal*”. A morte foi sentida em toda cidade, sendo registrada na ata das audiências forenses “*um voto de pesar pelo falecimento do saudoso Cel. Francisco de Paula Xavier*”. Chico de Paula deixou um legado político, jurídico e social de valor inestimável para a sociedade piumhiense e merecida foi a homenagem de dar seu nome à rua no bairro Nova Esperança.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. Coronel Francisco de Paula Xavier: advogado prático, político e patriarca de família influente. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 07 ago. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

D^a RUTH SOARES FERREIRA PRIMA

Um Século de Vida e História

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Hoje trazemos às páginas do ALTO S. FRANCISCO uma homenagem muito especial. Queremos compartilhar com os leitores desta coluna a história de vida de D^a Ruth Soares Ferreira Prima, que no último dia 6 completou seus 100 anos em plena saúde física e mental, apesar de algumas poucas limitações no caminhar. D^a Ruth merece todo nosso carinho e respeito não só por sua idade, mas por sua história de vida, pelo exemplo que foi e que ainda continua sendo.

D^a Ruth nasceu no casarão de seus pais localizado na esquina das ruas Dr. Higinio e João Pedro Goulart em 6 de agosto de 1922. A casa ainda se mantém em pé como testemunha ocular de muitos acontecimentos da história piumhiense. Seus pais eram Beraldo Soares Ferreira e Maria Querubina Soares, casados em Piumhi em 19 de janeiro de 1901. Beraldo era filho de Antônio Soares de Oliveira e Maria Constância de Jesus e D^a Maria Querubina filha de João Alves Ferreira e Virgínia Alves Ferreira. Um aprofundamento genealógico demonstraria certo parentesco entre Beraldo e Maria Querubina. Além da casa na cidade que tinha quintal enorme, Beraldo tinha terras na região da Mutuca.

D^a Maria Querubina teve 15 partos, porém apenas 9 filhos chegaram à idade adulta: Orlando, nascido em 1905; Antônio, nascido em 1907; 3) Maria, nascida em 1910; 4) José Beraldo, nascido em 1911; 5) Virgínia; 6) João, nascido em 1914; 7) Otávio, nascido em 1918; 8) Ruth Soares Ferreira Prima; 9) Sílvia, nascido em 1926 -- todos com sobrenome Soares Ferreira.

Beraldo e Maria Maria Querubina educaram todos os filhos sob o alicerce da religiosidade e respeito. Dos 9 filhos sobreviventes somente os dois mais velhos e um dos intermediários permaneceram na fazenda para ajudar nos negócios da família, os demais foram todos diplomados em cursos superiores mediante muita luta e esforço. Beraldo sabia que os esforços seriam recompensados, pois daria com os estudos, garantias de um futuro melhor.

D^a Ruth foi batizada em 23 de setembro de 1922 e passou sua infância na roça, migrando para a cidade quando chegou na idade escolar. Iniciou seus estudos no antigo Grupo Escolar Dr. Avelino de Queiroz, onde cursou o Primário. Ela relata a tristeza de não ter estudado na Escola da Dona Lidinha, “*pois todas as minhas amigas estudaram lá e diziam ser uma escola muito boa*”. Naquela época Piumhi não oferecia condições de estudos após a 4^a série primária (hoje 5^o ano do Ensino Fundamental I). Assim, como fez com outros filhos, enviou a filha Ruth para Belo Horizonte para continuar seus estudos. Ruth ainda jovem partiu para a capital do Estado e foi matriculada no famoso Colégio Sacré-Couer dirigido por irmãs religiosas de uma congregação de origem francesa. O educandário oferecia os cursos: Ginásial (anos finais do Ensino Fundamental), Normal 1^o Grau, Normal 2^o Grau, Admissão e Primário. Autorizada por decreto de junho de 1930 o Colégio se tor-

nou uma referência na formação de professoras. Depois de alguns anos de muito estudo e rigorosa dedicação D^a Ruth se formou no Curso Normal 2^o Grau em 6 de dezembro de 1941.

Após a formatura retornou para Piumhi e começou a carreira de professora na sua própria residência dando aula do curso de Admissão (espécie de vestibular que se fazia para ingressar no curso ginásial -- hoje anos finais do Ensino Fundamental). Desse tempo Ovídio Arantes de Melo registrou sobre D^a Ruth no livro História dos Vicentinos em Piumhi: “*foi a mestra que melhor soube me ensinar*”. Posteriormente começou a lecionar no Grupo Escolar Dr. Avelino de Queiroz, sempre dedicada e comprometida com a qualidade de ensino,

herança de sua formação no Colégio religioso. Em pouco tempo passou a ser respeitada pela sociedade piumhiense.

Em 1950 assumiu por nomeação do governo do Estado de Minas Gerais a direção do Grupo Escolar Dr. Avelino de Queiroz, permanecendo na função até 1957. O desafio era grande: substituir nomes de peso da educação piumhiense como o Pedro Teixeira Bueno, professor José Vicente Martins, D^a Maria Catarina Torres e Maria Desirée Madsen que a havia antecedido no cargo. D^a Ruth com refinada educação foi excelente diretora tendo garantido na sua gestão uma educação de qualidade pautada no respeito, amor e carinho -- coisas que não eram muito comuns em escolas naquela época.

Percebendo que poderia alcançar patamares mais altos decidiu prestar concurso para Secretaria de Estado da Educação, tendo sido aprovada em primeira colocação. Assim deixou a missão de diretora e partiu para Belo Horizonte a fim de assumir o cargo para qual foi aprovada. Foram muitos anos de serviços bem prestados à educação mineira e piumhiense. Em algumas ocasiões, a educadora assumiu a direção da escola Dr. Avelino de Queiroz de forma provisória na condição de substituta. Amou o seu trabalho na educação e nele se dedicou de corpo e alma, por isso não se casou, dividindo a atenção entre o trabalho e sua família. Dona de uma calma invejável tomou-se entre os familiares e amigos uma espécie de conselheira e orientadora, tendo sempre um caminho ou uma solução pronta para cada problema ou eventualidade.

Aposentou-se em 1996, depois de 30 anos de serviços prestados à educação e de lá para cá aumentou as atividades beneficentes e sociais que sempre realizou durante a sua vida. Religiosa por índole e de uma devoção fervorosa D^a Ruth fez e ainda faz de sua fé um exercício da cari-



D^a Ruth em foto de formatura em 1941; abaixo, hoje ao comemorar os seus 100 anos



dade. Vicentina por muitos anos viu na instituição a possibilidade de levar ao próximo amor, socorro material e espiritual àqueles cujas circunstâncias da vida os transformaram em miseráveis ou que foram abandonados pela família na Casa dos Velhinhos. Deu aulas de Corte e Costura ao lado de D^a Inês Alves da Cunha para mulheres carentes e assistidas pela Sociedade São Vicente de Paulo, onde também ocupou diversos cargos diretivos.

Sua casa é hoje um verdadeiro museu, tendo preservado móveis, utensílios e objetos da família, muitos dos quais mais que centenários, destaque para a farmacinha entalhada em madeira de lei que pertenceu à sua avó Maria Constância que era homeopata e um oratório religioso que fica em seu quarto, local onde conserva também para repousar a cama em que ela nasceu.

Ao longo de sua vida centenária, D^a Ruth foi acumulando também sucessivas perdas familiares, o que não a transformou em uma pessoa triste e desiludida com a vida, mas ao contrário a tornou cada vez forte e cada vez mais resignada e temente a Deus. Sua casa está sempre aberta e ela, apesar dos 100 anos que completou continua uma leitora assídua e de uma memória invejável. Quebrou a perna por duas vezes depois dos 90 anos e muitos disseram que jamais voltaria a andar, mas a sua força de vontade e fé são tamanhas que conquistou o que para muitos seria impossível: voltou a caminhar. D^a Ruth afirma que “*já conversei com Deus e disse que estou preparada, hora que ele quiser me levar eu vou*”, mas eu digo que ainda temos muito a aprender com a sabedoria dela. Registro aqui a nossa homenagem à D^a Ruth Soares Ferreira Prima pela passagem de seu centenário aniversário. Vida e saúde à nossa homenageada de hoje.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. D^a Ruth Soares Ferreira Prima: um século de vida e história. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 14 ago. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

JOÃO LOURENÇO BELO: um coronel progressista e que acabou esquecido pela história de Piumhi (I)

‘A vida do Cel. Lourenço Belo foi investir no progresso de Capitólio’

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

O Coronel João Lourenço Belo nasceu em 20 de janeiro de 1877, em Santo Hilário. Na época, essa localidade pertencia ao distrito de Pimenta e ao município de Piumhi. Seus pais eram Francisco Porfírio de Macedo Belo e Rita Cândida de Oliveira, casados na Freguesia de Pimenta, em 11 de julho de 1874, sendo ele filho do Major João Lourenço de Macêdo e Maria Amélia Macêdo, já falecidos à época do casamento. Ela, filha de Joaquim José de Oliveira e Ana Joaquina de Jesus. Viveu a sua infância e adolescência no local onde nasceu e, desde cedo, demonstrou ter uma inteligência privilegiada. Teve pouca escolaridade, mas teve o privilégio de aprender a ler e escrever.

Ainda jovem, aos 19 anos, em 16 de outubro de 1896, decidiu se casar com dona Rita Anésia de Moraes, que passou a assinar Rita de Moraes Belo. Ela, natural de Piumhi, filha de José Maria Seabra e Maria Magdalena de Moraes, nascida em 17 de novembro de 1878. O casamento foi celebrado pelo vigário José Florêncio Rodrigues e teve como testemunhas João Augusto dos Santos Franco e Jorge Salomão Lasmar. Na ocasião do casamento, a mãe do noivo já era falecida.

Acredita-se que tenha vivido um breve período em Piumhi, transferindo-se para Capitólio, por volta de 1898, quando este era um pequeno e atrasado povoado pertencente ao município de Piumhi, com nome de São Sebastião dos Franciscos ou Arraial dos Cabeças.

Segundo o livro Capitólio em Prosa e Verso, o casal teve 24 filhos, porém, com exceção do 24º, todos morreram prematuramente. O sobrevivente foi o único que não pôde ser amamentado pela mãe e recebeu o nome de Abel de Moraes Belo. Estudou Direito no Rio de Janeiro. Após concluir o curso, exerceu por um período a profissão, em Piumhi. Foi Abel quem sugeriu o nome de Capitólio para o Arraial dos Franciscos, justificando a sua sugestão no antigo Capitólio romano (símbolo da democracia do mundo antigo, tal como a Acrópole grega) e como homenagem aos “cabeças” fundadores do arraial. Retomando ao Rio, casou-se e teve dois filhos.

O coronel Lourenço Belo e dona Rita adotaram formalmente duas filhas: Lourdes Leal e Maria Soares Machado, conhecida como Santa. Lourdes, apesar de muito bonita, tornou-se freira e morreu no convento. Santa, ape-

sar de um pequeno desequilíbrio mental, casou-se com Antônio Bárbara, mas não deixou de dar trabalho à dona Rita, já viúva do distinto Coronel. Criou, informalmente, mais duas meninas de nome Catarina. Para identificar as duas meninas, uma era chamada de Catarina Centrista por trabalhar na central telefônica e a outra, de Catarina do Fogão por ser a responsável pela cozinha do hotel.

Aos poucos e graças a muito trabalho e negócios bem sucedidos, Lourenço Belo foi enriquecendo e conquistando prestígio social e político. Em 1916, construiu, em Capitólio, um belo casarão que por muitos anos serviu de sede de sua loja e de hotel, considerado luxuoso para a época. Ao Coronel da Guarda Nacional João Lourenço Belo, cabia a administração da loja e à sua esposa, conhecida como Sá Rita, a responsabilidade de comandar o hotel. Dizem que dona Rita era muito preocupada com a limpeza e ornamentação do casarão, chegando a ser até mesmo um pouco exagerada.

Adil e Sinval na obra “Capitólio Prosa e Verso” descreveram que “Na sala de visitas havia belíssimas cadeiras, espelhos, quadros”. Na imensa fachada do casarão que ainda se mantém de pé como testemunha viva de um tempo que já se foi, havia duas portas, uma que dava acesso à residência do casal e outra que levava ao hotel. Para auxiliá-la no serviço do hotel, Dona Rita contava com muitos empregados, todos negros, os quais eram tratados com muito respeito, numa época em que sofriam uma discriminação muito maior do que hoje. O Coronel era apaixonado por crianças e Dona Rita, por gatos, tendo em sua casa grande quantidade desses felinos.

Ainda Adil e Sinval na mesma obra destacaram que: “A vida do Cel. Lourenço Belo foi investir no progresso de Capitólio, muitas vezes sem contar com retorno financeiro”. No início do século XX, 90% da população do arraial de Capitólio moravam na zona rural e, no distrito, havia entre 500 a 1 mil habitantes. Mesmo com uma população tão pequena, seu comércio



O casal João Lourenço Belo e D^a Rita com o filho Abel e uma de suas duas filhas de criação

de “secos e molhados”, que vendia de tudo prosperou muito. O Coronel fazia compras para sua loja no Rio de Janeiro. Para isso, seguia até Santo Hilário, tomava o vapor até Ribeirão Vermelho e embarcava no trem para chegar ao Rio de Janeiro para fazer as suas compras, suprimindo, assim, toda a região de novidades.

José da Mata Sobrinho, em conversa com José Soares de Melo, explicou que o Coronel Lourenço Belo “cresceu tanto que percebeu que não havia mais como crescer em Capitólio. Era um grande empreendedor e aquela população pequena e de baixo poder aquisitivo era um entrave ao seu desenvolvimento. Chegou à conclusão de que tinha dois caminhos: ou ele mudava de Capitólio para uma cidade maior onde pudesse continuar crescendo ou, numa situação mais difícil, tomaria as providências para que Capitólio se desenvolvesse para que pudesse continuar com seu negócio ali mesmo. Por incrível que pareça, ele tomou a segunda decisão, resolvendo trabalhar para melhorar Capitólio, expandindo a população e aumentando o seu poder aquisitivo”.

A decisão demonstra o sentimento de amor que o Coronel sentia por Capitólio e não querendo deixá-la, preferiu o caminho mais difícil, não se importando com as dificuldades que enfrentaria. Na próxima edição concluiremos o resgate da história desse importante personagem de nossa história.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. João Lourenço Belo: um coronel progressista e que acabou esquecido pela história de Piumhi (I). ‘A vida do Cel. Lourenço Belo foi investir no progresso de Capitólio’. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 21 ago. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

MEMÓRIA PIUMHIENSE

JOÃO LOURENÇO BELO: um coronel progressista e que acabou esquecido pela história de Piumhi (II)

‘Os piumhienses gratos jamais deverão se esquecer deste paladino do progresso’

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Dando continuidade à história do Coronel Lourenço Belo, veremos o quanto se esforçou pelo desenvolvimento de Piumhi e Capitólio. Visionário, percebeu que o primeiro passo para o desenvolvimento de Capitólio seria a criação de uma paróquia no distrito, pois com uma população maciçamente católica, a presença contínua de um padre promoveria a urbanização do local, pois a população rural migraria para a cidade em busca do serviço religioso.

José Soares de Melo contou que o Coronel Lourenço Belo encabeçou, com mais 12 pessoas abastadas do lugar, uma comissão para pedir ao bispo do Aterrado, hoje Luz, a criação da Paróquia em Capitólio. Dom Manoel Nunes Coelho, o bispo, afirmou a impossibilidade de atender ao pedido pela falta de padres, mas cético quanto à capacidade daqueles homens, fez a eles uma proposta: prometeu criar a paróquia se conseguissem determinada quantia em dinheiro para custear os estudos de um menino pobre que queria ser padre no Seminário.

O Coronel Lourenço Belo deu a metade do valor e os demais membros da comissão arregimentaram o restante da importância requisitada e levaram-na ao Bispo, que sem alternativa, teve que cumprir a promessa. Criada a Paróquia no dia 15 de junho de 1924, o Bispo transferiu para Capitólio o Vigário de Piumhi, que há muito já havia pedido para sair. Isso justifica a mudança do padre Mário da Silveira de Piumhi, da noite para o dia. José Soares de Melo avaliou que “o resultado da ação do coronel Lourenço Belo é que Capitólio cresceu passando a ter conforto, serviço religioso, cinema, energia elétrica, a urbanização do local e a melhora na qualidade de vida das pessoas. A população entusiasmada construiu uma igreja nova e em 1948, o arraial foi emancipado como a cidade de Capitólio. Assim um dos pilares da existência de Capitólio foi o Coronel Lourenço Belo”.

Junto com o padre Mário da Silveira, vieram seus familiares: uma professora e um músico. Ela criou uma escola para moças, responsável pela formação de uma geração de jovens educadas e conscientes de suas responsabilidades. Ele criou uma Banda de Música que oportunizou a formação de muitos músicos no distrito, estimulando e melhorando muito o seu nível artístico. A contribuição desses personagens para o crescimento cultural de Capitólio foi muito grande. Isso somente foi possível graças ao progresso conquistado pelo Coronel Lourenço Belo com a criação da Paróquia.

Importante destacar que o desenvolvimento de um distrito do município significaria o próprio desenvolvimento de Piumhi. Movido pelo seu espírito iluminado e empreendedor, aliou-se ao engenheiro Dr. Abelardo Passos e ao fazendeiro José Garcia para construir uma usina hidrelétrica que forneceria abundante energia e iluminação para o arraial. Os equipamentos para a construção da usina elétrica foram importados da França e vieram de navio até o Rio de Janeiro e seguiram de trem até Ribeirão Vermelho. Foram embarcados nos vapores até Santo Hilário, onde aguardaram os carros de bois e tropeiros.

José Soares de Melo acrescentou que “como as peças eram muito grandes e pesadas, principalmente as turbinas, foi preciso construir carros de bois, com eixos reforçados, para aguentar o sobrepeso e contratar juntas de bois. O mais difícil foi abrir estrada uma vez que o caminho até então era um estreito trilho. Para se ter uma ideia do nível das dificuldades enfrentadas, basta dizer que os equipamentos levaram mais tempo para serem transportados de Santo Hilário a Capitólio do que da França a Santo Hilário”.

Nenhuma dificuldade abatia o ânimo progressista do Coronel Lou-

renço Belo. A usina elétrica oferecia energia para Capitólio, São José da Barra e outros locais. Em 1921, abriu uma estrada ligando Piumhi a Passos, passando por Capitólio.

Essa foi muito importante para nosso município e fez o redator do Alto S. Francisco tecer elogios da mais alta conta ao Coronel: “*Se Piumhi, contasse em seu seio, dez homens progressistas e empreendedores como João Lourenço, estamos certos que em breve seria a nossa cidade a primeira do Oeste. [...] João Lourenço Belo é nome que deverá ficar indelével, todos os piumhienses gratos jamais deverão esquecer deste paladino do progresso, porque é sempre o iniciador dos grandes melhoramentos desta terra, nos quais emprega o seu próprio capital*”.

Ainda desejando o progresso do lugar onde vivia, Lourenço Belo investiu sozinho na construção de um sistema telefônico que interligava todas as fazendas vizinhas, o arraial de Capitólio, os distritos de Capetinga, Aratijos, Guapé, a sede do município Piumhi, cidade de Formiga e posteriormente Passos. Tratava-se de uma gigantesca inovação para a região, sendo a sede da instituição em Capitólio, tendo funcionado durante os anos de 1920 a 1926. O redator do Alto S. Francisco no mesmo texto citado anteriormente, acrescentou sobre o Coronel e seu espírito empreendedor: “Devemos a ele o nosso serviço telefônico, que liga não só dois dos nossos distritos, como a cidade de Formiga, e muito em breve, à de Passos. Melhoramento esse que nos tem prestado relevantes serviços”. O serviço telefônico era administrado por uma empresa denominada “Telefônica Piumhy”.

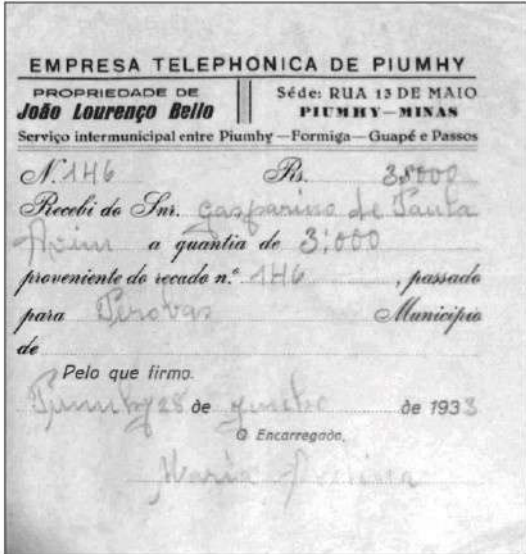
Em outra edição, o redator do mesmo jornal escreveu: “*Sob sua modéstia extraordinária, este distinto cidadão, tem de tal modo concorrido, com o seu exemplo, o seu trabalho e sua inteligência para o progresso e bem estar do nosso município que justo seria considerá-lo como um verdadeiro benemérito*” (Alto S. Francisco de 22 /07/1923).

João Lourenço Belo preocupava-se com a dificuldade de acesso ao arraial e com a dificuldade de comunicação com a sede do município que se dava apenas pelas “picadas” que margeavam e recortavam as serras para a passagem dos animais dos tropeiros. Para solucionar esse grave problema, resolveu construir, com recursos próprios, inúmeras estradas, ligando Capitólio a pontos estratégicos, visando a comunicação com os grandes centros, como de Piumhi a São José da Barra, Piumhi à Garças, onde se localizava a estação ferroviária, que fazia a ligação com Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Posteriormente, construiu mais três estradas: todas partindo de Capitólio e cada uma com destino a Piumhi, Guapé e São José da Barra. A única vantagem que teve foi o privilégio da cobrança irrisória de um pedágio, que mal dava para a manutenção das estradas. O serviço de estradas era administrado por uma empresa denominada “Empresa Piumhyense de Estradas”.

Seu espírito caridoso e assistencialista fez com que se tornasse membro benemérito e um dos principais incentivadores da Santa Casa de Misericórdia de Piumhi. Sabia que a instituição seria importante no socorro dos cidadãos capitolinos. Tomou-se grande amigo do Dr. Avelino de Queiroz, a quem levava a Capitólio com regular frequência para o atendimento das necessidades médicas da população. Mediante



O Coronel João Lourenço Belo morto aos 57 anos no Rio de Janeiro; abaixo, recibo da sua Empresa Telephonica de Piumhy



a sua grande popularidade, carisma e, certamente por interferência do Dr. Avelino de Queiroz, conseguiu se eleger vereador da Câmara Municipal de Piumhi, ocasião em que pôde reverter o olhar da administração pública do município para o distrito de Capitólio, conseguindo importantes realizações, como melhorias de ruas, construção de sarjetas e meios-fios. Foi líder da Comissão dos Vinte que objetivava angariar recursos para a construção da torre da Matriz de Capitólio.

Coronel João Lourenço Belo, um homem honesto e muito empreendedor para a época em que viveu, infelizmente tinha uma saúde debilitada que o impedia de se alimentar bem. Buscando melhores recursos para a sua saúde, seguiu para o Rio de Janeiro, onde foi submetido a uma cirurgia devido a um câncer de próstata. Em razões de complicações pós-cirúrgicas, faleceu, na então Capital Federal, em 2 de dezembro de 1934, com apenas 57 anos, e lá foi sepultado. Em testamento deixou a casa, onde residia em Capitólio, para que fosse destinada uma instituição de ensino ou filantrópica.

Após a morte da viúva, em 1949, a vontade do Coronel foi cumprida. No antigo casarão, funcionou a Escola Estadual Coronel Lourenço Belo. Após a escola ganhar sede própria, o casarão foi revertido para a Sociedade São Vicente de Paulo que está com a posse do imóvel, onde funciona o escritório da instituição e, nos fundos, um grande espaço para eventos. Foi eleito o homem do século XX em Capitólio -- uma forma de reconhecimento de seu legado e esforço para desenvolver a terra que escolheu para viver. José Soares de Melo destacou que a história do Coronel Lourenço Belo “*me despertou muito a atenção, porque é interessante ver como o progresso e a prosperidade estão atrelados a pessoas com espírito empreendedor e, lamentavelmente, essa história parece que foi esquecida: o Coronel Lourenço Belo hoje é nome de uma escola e de uma rua em Capitólio, mas acredito que merecia muito mais pelo que fez*”.

Em Piumhi, até a presente data não havia nenhuma homenagem pública que enaltecesse o trabalho do Coronel João Lourenço Belo.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. João Lourenço Belo: um coronel progressista e que acabou esquecido pela história de Piumhi (II). ‘Os Piumhienses gratos jamais deverão se esquecer deste paladino do progresso’. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 28 ago. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

NOSSA SENHORA DA LIVRAMENTO DE PIUMHI

Paróquia celebra seus 268 anos de criação na sexta, 26

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Segundo algumas fontes a Paróquia Nossa Senhora do Livramento de Piumhi teria sido criada em 26 de Agosto de 1754, portanto, há exatos 268 anos. Dentre os documentos que apontam esta data, destacamos um processo judicial entre a Paróquia Nossa Senhora do Livramento e Câmara Municipal de Piumhi que envolvia a disputa pelo domínio do Patrimônio de Nossa Senhora do Livramento. Outra fonte é a anotação do Bispo de Mariana, Dom Frei da Santíssima Trindade, no relatório da Visita Pastoral realizada no ano de 1825, ocasião em que tomou a decisão de subordinar a Capela de São Roque à Paróquia de Piumhi, antes ligada à Matriz de Sant'Ana de Bambuí.

A decisão do bispo foi justificada na maior antiguidade da Paróquia de Piumhi e nas condições geográficas. Na obra se pode ler: “Paróquia de Nossa Senhora do Livramento do Piuí foi ereta no ano de 1754, a primeira do termo do Tamanduá, [...] descortinou-se que a Paróquia do Piuí foi criada em 1754”. A Paróquia de Bambuí foi criada em 1768. Com relação as condições geográficas o Bispo considerou que o povo de São Roque para chegar à Bambuí teriam que atravessar dois rios caudalosos enquanto que para atingir Piumhi havia apenas um. É certo que Dom Frei da Santíssima Trindade não era bispo na época da criação da Paróquia, mas para sustentar a sua decisão ouviu os padres das paróquias envolvidas, o reverendo vigário da Vara e recorreu a documentos que possivelmente se perderam no decurso do tempo.

A devoção à padroeira Nossa Senhora do Livramento surgiu nos tempos primitivos da povoação quando se encontrou uma imagem de Maria com esse título, sendo a mesma entronizada na capela construída às margens de uma bela lagoa que ficava no local onde hoje é a praça Dr. Avelino de Queiroz. Essa devoção foi acentuada quando a padroeira interviu na briga de dois fazendeiros, rivais por divisas de terras, que resolveram o conflito doando a propriedade em disputa à Senhora do Livramento. A doação deu origem a vasto patrimônio que somada a outras doações atingiu o patamar de 350 alqueires de terras (local onde se localiza a parte antiga da cidade). Com certeza essa doação influenciou na decisão de se criar a paróquia em Piumhi.

O decreto de criação da Pa-



róquia não foi localizado e necessitando de um documento de sua constituição a Cúria de Mariana emitiu uma certidão da Relação das Freguesias do Bispado no qual se lia que a Paróquia Nossa Senhora do Livramento fora criada em 1758. Essa data foi afirmada, com base nesse documento no Livro Instituição de Igrejas no Bispado de Mariana do Cônego Raimundo Trindade. De posse da certidão de inteiro teor do documento a mesma foi registrada no Cartório de Luz, passando assim, a Paróquia Nossa Senhora do Livramento ter uma “Certidão de Nascimento”. Nessa perspectiva a Paróquia completou no último dia 26 seus 264 anos de criação. Independentemente do ano que se considere, a Paróquia de Piumhi continua sendo a mais antiga da Diocese de Luz.

Criada a Paróquia, faltava um padre corajoso para assumir tão grande e difícil encargo. Mais difícil ainda foi encontrar esse personagem, pois ninguém queria trabalhar numa mata praticamente deserta e com pequenas faisqueiras de ouro que mal davam para o sustento. Dentre os padres que deram assistência ao arraial durante os 33 anos que não houve padre residente foram: Padre Marcos Freire de Carvalho, Padre Gaspar Álvares Gondim, Padre José Nogueira Gardam. Na década de 1770 o Padre Félix José Soares da Silva foi provisionado para Piumhi,

mas nunca apareceu por aqui. Também assistiu a Paróquia por algum tempo o Padre Francisco Álvares Torres, responsável por lavrar o temmo de abertura do primeiro livro de batismo e de casamento e pelos primeiros assentos. Tudo indica que esteve residindo aqui por algum tempo, mas em curto decurso.

Piumhi só teve padre residente com duração mais longínqua com a vinda do Padre Miguel de Albuquerque em maio de 1787. De lá para cá foram inúmeros padres, incontáveis desafios, dificuldades e conquistas. A primeira Matriz foi construída em 1782 substituindo a capela primitiva. Era de duas torres, barroca e imponente. Foi derrubada no início do século XX e deu origem à segunda Matriz que levou treze anos para ser concluída. Derrubada pelo padre Abel Vouguinha, deu lugar à Matriz atual, inaugurada festivamente em 8 de dezembro de 1945.

A Paróquia de Nossa Senhora do Livramento hoje é comandada pelo Padre Daniel Miranda e continua exercendo o seu papel missionário, pastoral e social, que foi a marca de toda a sua existência. Na missa de domingo a Paróquia fez menção a esse importante episódio de nossa história. Na imagem, a Matriz atual de Piumhi: símbolo maior de uma paróquia.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

A Independência do Brasil na História Piumhiense (I) ‘Laços ao chão, independência ou morte seja a nossa divisa’

REPRODUÇÃO



LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

O desfile cívico comemorativo do Bicentenário da Independência do Brasil, ocorrido em Piumhi no sábado, 7 de setembro, abriu a possibilidade para uma análise de como os piumhienses comemoraram essa data magna ao longo do tempo. No entanto, disponho de poucas informações sobre as comemorações anteriores à criação do Colégio Técnico Professor João Machado. Nesse primeiro capítulo faremos uma breve análise do evento que deu origem à comemoração: a independência do Brasil.

A Independência do Brasil não pode ser resumida apenas no dia 7 de setembro, definido como data comemorativa em razão do “Grito do Ipiranga”. A independência pode ser definida como um processo que se inicia com a difusão das ideias iluministas e o referencial estadunidense de independência amplamente difundidas pelas Inconfidências Mineira e Baiana -- a importância desses movimentos foram fundamentais para a independência, pois embora derrotados ambos movimentos mantiveram acesas a chama do desejo pela liberdade.

Outro passo importante para a conquista da independência em 1822 foi a transferência da Família Real Portuguesa e toda corte para o Brasil em 1808. Não é novidade que vieram fugidos das ameaças de invasão de Napoleão Bonaparte à Portugal por este não ter aderido ao “Bloqueio Continental” que constava de uma linha imaginária que contornava as costas do continente europeu a fim de promover o isolamento econômico da Inglaterra, elevando assim a França à condição de maior potência econômica da época.

No Brasil, o Príncipe Regente Dom João VI abriu os portos do Brasil às nações amigas permitindo o comércio livre com os principais portos do mundo, principalmente os britânicos. Outras inovações como criação do Banco do Brasil, do Jardim Botânico, Biblioteca Real (depois Biblioteca Nacional -- a maior e mais importante do Brasil até hoje--, saneamento do Rio de Janeiro, medidas que deram à colônia portuguesa um espírito de liberdade que jamais fora sentido no Brasil. Outro avanço importante foi a autorização para a vinda de viajantes e intelectuais estrangeiros a fim de conhecer o Brasil em suas potencialidades, tais

como Debret, Rugendas, Jhon Emanuel Phol, Spiux, Martius, Eschevewege e o famoso Saint-Hilaire. As elites brasileiras foram condecoradas com títulos nobiliárquicos e militares em troca de subsidiar os altíssimos gastos promovidos pela estadia da família real e da corte. Outra mudança foi a elevação do Brasil à categoria de Reino Unido junto com Portugal e Algarves, em 1815.

Na época da transferência da Corte para o Brasil, Piumhi era um arraial sede Paróquia tendo alcançado a condição de Distrito de Paz somente em 1815 conforme as pesquisas de Oscar Alves Rocha. Os impactos sentido das transformações em Piumhi não foram grandes, todavia existentes. Exemplo dela era a concessão de patentes a elite econômica piumhiense. Outro exemplo mais concreto foi citado pelo historiador Waldemar de Almeida Barbosa no livro Dores do Indaiá, afirmando que, por ocasião da chegada ao Rio do príncipe D. João, quando o Governador da Capitania encetou uma campanha no sentido de se oferecerem presentes ao Príncipe Regente, José Rodrigues da Costa, proprietário da Fazenda São Miguel e Almas, localizada em terras piumhienses remeteu um presente de 38.000 cruzeiros, uma verdadeira fortuna.

Em 1820, estoura em Portugal a Revolução do Porto que exige o regresso da Família Real sob pena de perder o trono, imposição de uma constituição ao Rei Dom João VI e a volta do Brasil à condição de colônia. Dom João volta, aceita a constituição e para impedir que o Brasil voltasse ao status de colônia deixou aqui Dom Pedro como Príncipe Regente.

A permanência de Dom Pedro no Brasil desagradou as Cortes Portuguesas, que passaram a exigir cada vez com mais rigor o seu retorno com as desculpas de que ele precisava continuar os seus estudos, mas na verdade, queriam mesmo era recolonizar o Brasil. Por sua vez, os brasileiros pressionavam Dom Pedro para que ficasse no Brasil e impedisse o projeto recolonizador português. Dom Pedro decide ficar no Brasil, era o dia do “Fico”.

Os lusitanos cada vez mais ásperez e agressivos em suas correspondências e para limitar os poderes de Dom Pedro invalidaram seus atos e instituíram o “cumpra-se” que determinava

que toda lei criada pelo Príncipe Regente deveria ser validada pela Corte Portuguesa. Quando Dom Pedro em viagem à São Paulo, um mensageiro foi ao encontro do Príncipe com um bilhete escrito por Dona Leopoldina, esposa do príncipe, e por José Bonifácio - Patriarca da Independência, aconselhando a fazer a independência. Assim, Dom Pedro criou coragem e bradou o grito de “Laços ao chão, independência ou morte seja a nossa divisa” - popularizada por seu resumo: “Independência ou morte”. Esse episódio ficou conhecido como “Grito do Ipiranga” e simboliza a independência do Brasil. Se retirar o mérito e o brilho do acontecimento, todo processo que culminou na consolidação do rompimento com Portugal tais como as guerras contra as tropas portuguesas, o reconhecimento internacional do Brasil enquanto nação fazem parte do processo de independência do Brasil.

Vários personagens se fizeram importantes nesse processo de independência, mas a figura de Dom Pedro, sem dúvida foi fundamental para o desfecho do processo. A coragem de romper com sua pátria e com sua família foi sem dúvida uma escolha difícil, mas optou por estar ao lado dos brasileiros dando os primeiros passos para construção da nação brasileira. Diante disso, o Departamento de Ciências Humanas da Escola Estadual “Professor João Menezes” decidiu como mecanismo de valorizar o patriotismo e a passagem do Bicentenário da Independência do Brasil criou um projeto para a construção de um monumento em seu jardim, o qual depois de muitas conversas e discussões terá a estátua de Dom Pedro I, por ser considerado um dos personagens mais importantes, senão o mais, no processo de independência. Surgiram algumas críticas dizendo que “Dom Pedro não tem nada haver com Piumhi”, mas deixamos claro que nosso objetivo no momento não é homenagear personalidades piumhienses, que terão sua vez ao tempo e modo certo, mas a passagem do Bicentenário da Independência do Brasil, por isso a escola de Dom Pedro.

Na próxima edição tentaremos apontar como o 7 de setembro era comemorado em Piumhi nos tempos do Império e na República Velha.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. A Independência do Brasil na história Piumhiense (I). ‘Laços ao chão, independência ou morte seja a nossa divisa’. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 11 set. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

A Independência do Brasil na História Piumhiense (3)

Colégio João Machado: o início de uma tradição

ACERVO DO AUTOR

**O desfile cívico da ETC Professor João Machado na Piumhi do final dos anos 1960: início de uma tradição****LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO**

Como dissemos na crônica passada, com a criação da Escola Técnica e Comercial “Professor João Machado” iniciativa do professor Theodorico Vieira de Souza, no início da década de 1950, teve-se a mudança no formato das comemorações da independência, passando a festividade ter o formato de desfile. Alunos maiores, modernidade, experiências trazidas da capital e outros elementos justificam por si só esse processo de mudança. No entanto, é preciso destacar que o espírito cívico, patriótico e de amor pela pátria foi mantido no mais elevado sentimento.

A comemoração envolvia um amplo planejamento e contava com a dedicação dos professores, alunos e demais funcionários sob a supervisão imediata do diretor

da instituição. Tudo era minimamente planejado: vestimentas, alegorias, carros alegóricos, as marchas, fanfarra, porta-bandeiras etc. Era o início de uma tradição em nossa cidade. Saudação à bandeira e a execução do Hino Nacional continuaram sendo costumes preservados. Desse modo, iniciou-se nessa época, em nossa cidade, o tradicional desfile de 7 de setembro.

Com a abertura do Colégio Normal Oficial de Piumhi, futuramente Escola Estadual Professor João Menezes, em 1965, o desfile continuou requintado, contando então com aumento na participação de alunos.

Além do desfile de 7 de setembro essas duas escolas marcaram presença no desfile organizado nas comemorações do primeiro centenário de Piumhi. Dispensa-se maiores comentá-

rios as imagens por si só manifestam o fervor e amor à pátria demonstrado por aqueles jovens que hoje estão entrando na terceira idade.

Mesmo não tendo ocorrido em alguns anos por razões diversas, sempre que acontecem mexem muito com as emoções dos participantes. Nesse ano de 2022, com o brilho especial da comemoração do bicentenário da independência do Brasil, o desfile coordenado pelos departamentos de Cultura e Educação contaram os principais momentos da história de nosso país. Parabéns aos organizadores, fizeram jus às comemorações que sempre existiram e engrandeceram o patriotismo em nossa terra.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Ovídio Arantes de Melo: Uma vida dedicada à SSVP e aos pobres de Piumhi (I)

Um dos maiores filantropos e ativistas sociais piumhienses

ACERVO DO AUTOR

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

No sábado, 24 de setembro, ecoou por toda Piumhi a fatídica notícia do falecimento de Ovídio Arantes de Melo, admirado personagem de nossa cidade. Nunca mediu esforços para auxiliar quem precisava de seus préstimos. Amou e se colocou a serviço dos pobres. Grande amigo, que presto homenagem trazendo aos meus leitores um breve relato deste ser humano que jamais deverá ser esquecido pela história de nossa cidade.

Natural de Piumhi, Ovídio Arantes de Melo é filho de Dario de Melo e Izabel Arantes de Melo. Nasceu na manhã de 27 de novembro de 1932, na casa de seu tio João Leite Praça. Neto pela parte paterna de José Leão de Melo e Maria Amélia da Cruz, de Pará de Minas. Pela materna, do Tabelião Ovídio Alves Arantes e Elina de Lima Arantes. O pai de Ovídio, Dario de Melo era natural de Pará de Minas e ainda jovem, migrou para Piumhi a fim de trabalhar com o tio João Leite Praça. Ovídio foi batizado em 22 de janeiro de 1933, na Matriz de Piumhi, pelo padre Bernardo Fernandes Nogueira, tendo como padrinhos a sua avó Elina de Lima Arantes e Mário Luís da Silva.

Após completar a idade escolar, foi matriculado no então Grupo Escolar Dr. Avelino de Queiroz (hoje Escola Municipal Dr. Avelino de Queiroz), onde teve a oportunidade de concluir o curso primário. Fez o preparatório para admissão, com dona Ruth Soares Ferreira, mas parou por aí e nunca mais estudou. No entanto, era muito curioso e lia muito livros, jornais e revistas.

Aos 10 anos, passou a trabalhar na loja de seu pai que, inicialmente, vendia tecidos e foi ampliando seu ramo de atuação: armarinhos, material elétrico e outras miudezas do lar. Trabalhou com seu pai até vender a loja. Às 18h, seu pai fechava o estabelecimento. Deixava apenas meia porta aberta. Aos poucos, chegavam as autoridades: juiz de direito, promotor, advogados, professores e toda sorte de intelectuais que havia na cidade. Todos iam com pretexto de conversar, mas o que queriam era ler o jornal “Correio da Manhã”, do Rio de Janeiro, que o pai de Ovídio

assinava e que chegava a Piumhi com dois dias de atraso. Segundo Ovídio, conversar e conviver com esses homens foi a melhor escola que a vida lhe pode oferecer.

Dentre as muitas virtudes que aprendeu com seu pai Dario de Melo, podemos destacar uma fé inabalável, amor pela religiosidade e a prática da caridade. A fé inabalável foi posta à prova ao longo de sua vida. Nos momentos mais difíceis, estava Ovídio em oração, certo de que alcançaria a graça solicitada. Sempre foi presença marcante na Igreja Católica, nas Cele-

brações Eucarísticas e nos movimentos da Igreja. Participou e foi secretário da Congregação Mariana dos Moços Católicos de Piumhi e de muitas outras instituições. Foi Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão Eucarística por 10 anos tendo sido indicado pelo cônego Geraldo Mendes de Vasconcelos.

No que se refere à prática da caridade, essa merece destaque na sua história de vida. Aprendeu ainda com seu pai a ser grande admirador do trabalho exercido por São Vicente de Paulo e pelo francês Antônio Frederico Ozanam, fundador da Sociedade São Vicente de Paulo. Percebeu que, ao ingressar nos quadros dessa instituição, poderia conhecer mais de perto a pobreza e ter meios mais estratégicos de ajudá-los a superar a miséria e seus problemas. Dessa forma, influenciado pelo pai, ingressou na Conferência Vicentina em 7 de abril de 1940, aos 8 anos de idade e de lá para cá, foram 81 anos como Vicentino.

Podemos dizer que Ovídio era um apaixonado pela causa da pobreza piumhiense e que nutre um amor incondicional pela Sociedade São Vicente de Paulo e seu trabalho. Na instituição, exerceu diversos cargos desde os mais simples ao de mais alto nível, dentre os quais, podemos citar: presidente



Ovídio Arantes de Melo; um nome ligado à fé católica, à solidariedade ao próximo e à cultura

do Conselho Particular de Piumhi em três mandatos (1980 a 1983; 1986 a 1989 e 1989 a 1992), presidente do Conselho Regional de Piumhi (1973 a 1976), presidente do Conselho Central de Piumhi (1976 a 1981).

Nessa trajetória, apaixonou-se também pela história da SSVP e colecionou, ao longo de sua vida, milhares de páginas da história vicentina em Piumhi, bem como de pessoas que fizeram e fazem parte da instituição. É um acervo riquíssimo, que subsidiou a publicação de dois trabalhos: uma revista com o título “Centenário SSVP em Piumhi - MG”, lançada em 2001, em comemoração ao centenário da fundação da instituição em Piumhi e o livro “História dos Vicentinos em Piumhi”, lançado no ano de 2016. Também foi responsável pela organização dos arquivos Vicentinos de Piumhi. Juntamente com Zenon de Oliveira, foi fundador do jornal mensal “Mensageiro Vicentino”, que circulou pela primeira vez em 6 de junho de 1980. Até os 89 anos era o redator chefe do jornal vicentino. Na próxima edição daremos continuidade ao relato biográfico do saudoso e eterno amigo Ovídio Melo.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Ovídio Arantes de Melo: Uma vida dedicada à SSVP e aos pobres de Piumhi (II)

‘A vida não é só para a gente, mas é principalmente para os outros’

ALBUM PARTICULAR

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Dando continuidade ao relato biográfico de Ovídio Arantes de Melo, descrevemos a sua relação com a Sociedade São Vicente de Paulo em Piumhi. Nessa instituição nunca mediu esforços para a prática da caridade: recolheu das ruas de Piumhi muitos pobres, levando-os para a Casa dos Velhinhos. Juntamente com outros vicentinos, preocupou-se com os filhos das mulheres pobres, dando a sugestão de se criar o “Aprendizado Frederico Ozanam”, onde os jovens poderiam aprender uma profissão; promoveu a distribuição de alimentos e medicamentos, chegando a ter em casa uma farmácia de medicamentos doados pelos médicos e farmacêuticos de Piumhi. Medicamentos também pedidos e conseguidos como amostras grátis, que um confrade conseguia em Belo Horizonte. Se chegasse um pobre com receita médica e se tivesse o remédio este era dado. Mas se não tivesse o remédio em estoque, o senhor Ovídio e outros vicentinos percorriam as farmácias da cidade, pedindo orientação sobre qual medicamento dos que eles possuíam poderia substituir o que constava na receita. Dr. Nelson relata que quando criança trabalhava com seu pai Ismar na farmácia. Ele recebia quase todos os dias o Sr. Ovídio ou uma de suas filhas com uma receita e alguns medicamentos para saber se um deles era similar ao que o médico havia receitado.

Ovídio conseguiu muitas consultas médicas e tratamentos de saúde para os pobres. Enfim, foi um trabalho de doação que merece ser reconhecido e recompensado. Quantas vidas foram salvas por essas ajudas e medicamentos que ele proporcionava aos po-

bres! Ele próprio destacou que uma das experiências mais interessantes de sua vida de vicentino foi “a relação de amizade com consócias e confrades, formando verdadeiras famílias”.

Em 1952, participou da fundação do Piumhi Tênis Clube (PTC), tendo redigido a ata de fundação. Em 28 de dezembro de 1955, adquiriu a loja de Oliveira Félix Pereira e Jorcelino Alves da Silva que tinham uma sociedade, passando a tocar seu próprio empreendimento comercial no ramo de papelaria. Ali foram muitos anos de trabalho, aprendizado e ainda de exercício de solidariedade e amizade com ricos e pobres que entravam em sua loja.

Em princípios de 1958, Ovídio procurou o pároco da Paróquia Nossa Senhora do Livramento, padre Abel de Abreu Vouguinha, a fim de combinar seu casamento com Vitória Soares da Costa. O padre impôs que o casamento fosse realizado na Casa Paroquial, porque o sacerdote estava bastante doente e debilitado. Não aceitando a proposta do padre português, uma vez que queriam o casamento na Igreja Matriz, obtiveram do sacerdote a autorização para que o padre André Rodonó, pároco de Pimenta, viesse celebrar a cerimônia, realizada em 26 de maio de 1958, na pre-



‘É na felicidade dos pobres que encontramos a nossa verdadeira felicidade’, Ovídio Arantes

sença das testemunhas Jorcelino Alves da Silva e Geraldo Soares da Costa. Ovídio tinha 25 anos. Vitória tinha 22 anos e natural de Piumhi, filha de José Soares da Costa e Maria Soares da Costa. O casal teve os filhos: Maria Izabel Costa Melo, nascida em 23 de fevereiro de 1959; Maria Elina Costa Melo, nascida em 22 de março de 1960; Vicente Paulo Costa Melo, nascido em 11 de abril de 1964 e Lúcio Flávio Costa Melo, nascido em 9 de março de 1973.

Em 9 de setembro de 1975, Ovídio foi designado para inaugurar e trabalhar no escritório do FUNRURAL em Piumhi, órgão destinado ao cadastramento de propriedades rurais e do recebimento dos respectivos impostos. Trabalhou nessa função por 10 anos. Depois, a função foi encampada pelo INSS.

Ovídio, faleceu aos 89, quase 90 anos de idade, tendo permanecido lúcido até os últimos momentos. Era uma história viva e sentia muita alegria em lembrar o que viveu e contar as suas experiências para que sirvam de lição para as gerações futuras, pois como ele mesmo dizia: “a vida não é só para a gente, mas é principalmente para os outros. É na felicidade dos pobres que encontramos a nossa verdadeira felicidade”. A vida que Ovídio levou nos mostra que a maior riqueza do ser humano é ter um propósito de vida e não apenas bens materiais. Pode-se dizer que a felicidade do ser humano está no seu propósito de vida e para mim este ensinamento é o maior legado que Ovídio deixou para a sociedade piumhiense. Que Deus o receba e tenha certeza que cumpriu os ensinamentos de São Paulo: “Combati o bom combate”.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Palestra

Depressão TEM CURA?

Com Pe. Chrystian Hankar



13 de outubro - 20h

Piumhi Tênis Clube Social

Praça Dr. Avelino de Queiróz, 153
Centro - Piumhi

Garanta já seu ingresso
na Amparo por apenas R\$25,00 .
Nossa Sra. do Livramento, 462 - Centro - Piumhi

Vagas limitadas!



MELO, Luís Augusto Júnio. Ovídio Arantes de Melo: uma vida dedicada à SSVP e aos pobres de Piumhi (II). ‘A vida não é só para a gente, mas é principalmente para os outros’. **Alto S. Francisco.** Piumhi, ano 101, 09 out. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

Uma importante contribuição para a história da região

Neylson Arantes lança seu 5º livro: ‘Desterrados de Furnas’

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

O engenheiro-agrônomo, Mestre em Genética e Melhoramento de Plantas, Doutor em Produção Vegetal, Neylson Eustáquio Arantes, se prepara para lançar o seu quinto livro: “Desterrados de Furnas”. Neylson é um capitólino de nascimento, porém de alma piumhiense e tem sua origem genética ligada aos importantes troncos familiares Arantes e Mourão. Na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) dedicou 49 anos à pesquisa científica, ocasião em que deixou publicados uma centena de artigos técnicos e científicos e livros sobre a produção de soja.

“Desterrados de Furnas” é a quinta obra do autor que não versa sobre assuntos técnicos. Em 2005 publicou “Respingos das Famílias Arantes Mourão de Piumhi”, em 2013 lançou “Entre as montanhas de Minas, em 2019 publicou “O Aprendiz de Muzambinho” e no ano de 2021 lançou “História da Loja Maçonica Aveniz Miranzi, com um pouco de luz sobre a Maçonaria”. Curiosamente, os cinco livros do autor versam sobre assuntos históricos. Como profissional desta área posso assegurar que o engenheiro está aplicando seus métodos científicos na pesquisa histórica e vem se revelando um magistral historiador.

A obra “Desterrados de Furnas” é uma agradável viagem ao tempo que se inicia quando o então governador de Minas Gerais Juscelino Kubitschek de Oliveira criou as Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG). Subindo à presidência da República JK criou outra estatal que hoje chamamos de Furnas. O autor detalha muito bem todo esse complexo sistema de constituição dessas empresas, discriminando ainda qual seria seus objetivos, entre eles gerar energia para promover o progresso e o desenvolvimento do país.

Debruçado em diversos jornais e revistas da época, dentre os quais o acervo do ALTO S. FRANCISCO, o autor foi construindo uma grande bagagem de conhecimento e informações sobre o assunto. Percebeu que a mídia da época, salvo raras exceções, mostrava apenas o lado positivo da construção da represa de Furnas ignorando o sofrimento daqueles que tiveram as suas terras adquiri-

das à preço ínfimo ou desapropriadas. O autor enfatizou a quantidade de publicações que existem sobre os benefícios de Furnas e que quase nada existe sobre aqueles que foram expulsos de suas terras: “era preciso mostrar o outro lado da moeda” enfatizou o autor em suas considerações finais.

O livro “Desterrados de Furnas” possui 178 páginas, divididos em 13 capítulos. É história do começo ao fim, abordando: os rios que deram origem ao lago, criação de Furnas e criação da hidrelétrica, modo de vida dos expropriados, reação dos afogados, as desapropriações miniguadas, a transposição do Rio Piumhi e a extinção do Pântano do Cururu, água que subiu os morros, migrações compulsórias, drama dos desterrados, os efeitos sociais e recessão e alguns personagens da tragédia.

Em linguagem muito simples e acessível o autor aborda todos esses complexos temas e acaba deixando no leitor uma ponta de insatisfação com Furnas por ter desrespeitado o ser humano em nome do progresso, desconsiderando o seu direito de propriedade, sua história e cultura. Em determinado ponto da obra o autor destaca: “O que aconteceu com muitos expropriados de Furnas foi a renúncia ao futuro, a perda do sentido da existência, o desespero, a solidão” (página 131).

Em outra passagem continua: “Aquela gente simples que nem força tinha mais para lutar, fora varrida, tocada, expulsa para outros cantos” (página 131). Outro ponto ainda destacou: “é grande o número dos que não conseguiram reconstruir suas vidas e foram parar em abrigo para indigentes e desvalidos” (página 133). O enredo central do livro é a violência patrimonial, psicológica e social vivida pelos que perderam suas terras, daí a terminologia “desterrados”, frente à negligência do governo e de Furnas.

Sessenta anos depois, Neylson demonstra que hoje a exploração do turismo no lago de Furnas é um importante impulsionador da economia nos mu-



O escritor Neylson Arantes lança o Desterrados de Furnas neste sábado, 15, em Capitólio

nicipios lindeiros, mas chama a atenção para que a exploração se dê de modo responsável e sustentável a fim de evitar que novas injustiças se repitam como no passado”: “A voracidade de alguns empresários em auferir lucros não deve, em hipótese nenhuma, sobrepor-se aos princípios do uso racional e sustentável da atividade, sob pena de comprometê-la irreversivelmente. (...) um erro na condução desse turismo pode ser ainda mais desastroso do que o ocorrido a sessenta anos atrás” (página 171). Destacou também que nunca podemos esquecer a origem desse turismo: “Cerca de 60 anos atrás, milhares de pessoas pagaram um preço alto por um erro cometido pelos dirigentes de Furnas que, na ânsia de construir a hidrelétrica, negligenciaram a população local”. Por fim o autor lança um desafio: que o seu livro possa estimular a produção de novas obras literárias trazendo à tona a história desses desterrados.

Tive o prazer de ler a obra antes do lançamento, que se dará no dia 15 de outubro próximo (sábado), às 20h, no auditório da Câmara Municipal de Capitólio (Rua Monsenhor Mário Silveira, nº 300, Centro, Capitólio), onde o livro será vendido ao valor de R\$ 40,00 e haverá a sessão de autógrafos. Para que não puder comparecer à sessão de lançamento o livro está disponibilizado na Livraria Oz em Piumhi. De antemão recomendo a leitura desse livro que demonstra o sofrimento vivido por muitos no processo de construção de Furnas, literalmente, o outro lado da moeda.

Fale com o autor: professorluismelo@gmail.com

‘MARIA,MARIA’, SEXTA OBRA DE RITA MOURÃO

Convite à reflexão do complexo ciclo da vida

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Embora sempre gostasse de brincar com as palavras transformando-as em frases, textos e crônicas, nunca fui admirador de poesia. Os sonetos do Maestro Mozart Paixão me iniciaram numa certa admiração pela arte. Recentemente Dr. Roberto de Araújo, Nilson de Castro, Dr. Dimas Terra e Rita Mourão despertaram em mim grande admiração pela arte embora não consiga produzir um texto com rimas ou em formato poético. Acho que poesia é dom e não técnica. Hoje quero comentar nessas linhas o sexto livro de Rita Marciano Mourão cujo título é “Maria, Marias”.

O magistral poeta português Fernando Pessoa em seu famoso poema Autopsicografia escreveu: “O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente”. Com a vênia e acatamento que o poeta merece, sou obrigado a discordar do seu pensamento. Cheguei a esta conclusão quando li a obra “Maria, Marias”. A obra publicada no contexto pandêmico foi lançada em 2021 e consta de uma coletânea de diversos poemas que revela em palavra as “Diversas Marias que habitam em mim” -- destacou a autora.

Rita Marciano Mourão, nasceu no ano de 1934, em Piumhi na Zona Rural, onde diz ter vivido uma infância feliz, crescendo entre árvores frutíferas e pássaros que a ligaram naturalmente à poesia, ainda que não tivesse contato com as letras. Aquelas imagens ficaram gravadas em sua memória e hoje são externadas em poesias revelando um sentimento nostálgico de seu passado infantil. Aos dez anos de idade mudou para Piumhi e foi matriculada no antigo Grupo Escolar Dr. Avelino de Queiroz, onde concluiu a 4ª série do Ensino Fundamental (hoje 5º ano). Como dedicada estudante logo se revelou como uma apaixonada pela arte do conhecimento. Conquistou seu diploma com honra ao mérito. Queria continuar seus estudos e se tornar professora, mas este não foi o desejo de seu pai que preferiu levá-la de volta à fazenda. Os estudos foram interrompidos pelo menos momentaneamente, pois o sonho se manteve vivo para se aflorar em outra oportunidade.

Aos 19 anos casou-se com Aurélio Mourão e teve sete filhos. Aos 35 anos mudou com sua família para Ribeirão Preto (SP). Depois de encaminhar os filhos, aos 56 anos, resolveu dar vida ao seu sonho adormecido na infância: concluiu seus estudos básicos no Centro Supletivo Cecília Dutra Caran e cursou Magistério na Escola Estadual Otoniel Mota. Sua perseverança demonstra que nunca é tarde para lutar em favor de seus verdadeiros sonhos. Aos 60 anos concluiu seu sonho: iniciou sua carreira de professora de produção e interpretação de textos no

Colégio Metodista de Ribeirão Preto. Deixou nessa instituição de ensino 14 antologias poéticas com poesias escritas por seus alunos.

Frequentou o grupo *Flamboyant* dirigido pela professora Ely Viêitez, onde teve a oportunidade de aprimorar as suas aptidões literárias, que como disse, já existia desde a sua infância. Publicou quatro livros de poesia e um de prosa, “Maria, Marias” é a sexta obra da poeta piumhiense. Acumulou diversos prêmios literários e concedeu diversas entrevistas a

jornais, revistas e rádios. Ganhou uma sala no Colégio Metodista onde foram expostos as suas premiações. O reconhecimento literário de Rita Mourão a conduziu à Academia Ribeirãopretana de Letras (ARL).

O livro “Maria, Marias” foi prefaciado pelo presidente da ARL, Waldomiro Waldevino Peixoto, no qual destacou “seus versos podem não ser autobiográficos, mas são confessionais”. Mais adiante explicou “A linguagem da autora está repleta de metáforas (...)”.

AMOR PELA POESIA

Ao ler a obra senti que autora narra em seus versos o ciclo da vida. E apesar de ter em anos a metade da idade da autora, pude me identificar em diversos momentos e perceber que todos nós carregamos dentro de nós mesmos diversas “Marias” que são construídas, destruídas e reconstruídas através de nossas experiências diárias de vida. Cada alegria, cada tristeza, cada esperança e cada decepção abrem e fecham ciclos em nossa existência, deixando em nossa alma profundas marcas que constroem a nossa complexa identidade.

Rita Mourão mostra este ciclo da vida quando relembra com nostalgia a saudade da infância vivida na roça, seus pais, o colo da mãe, a busca pelo príncipe encantado na pequena Piumhi quando ia participar das celebrações religiosas e as pequenas conquistas de uma menina simples e sonhadora; quando mostra a transformação de uma mulher interiorana para uma mulher urbana, sem perder a sua essência; quando demonstrou em seus versos as marcas deixadas pelo sofrimento vivido e quando traçou as perspectivas de futuro.

Notei nos versos de Rita Mourão o desejo de explicar o seu amor pela poesia “Escrevo porque a arte define o amor./ escrevo porque a poesia me completa./ Poetar é minha oração diária./ se não escrevo minha alma dói/ e a dor da



A educadora e poetisa piumhiense Rita Mourão

alma asfixia”. Percebi a tristeza pela perda do marido: “É na tua ausência que desfolho tristezas/ e acarício lembranças”, em outro poema pinçamos: “Ainda ouço passos que se aproximam/ porque ausência é presença transmutada./ fantasma que me alucina./ E a minha saudade é um substantivo concreto”. Demonstra as incertezas da vida: “Metade de mim é saudade./ e a outra metade incógnita/. Será que um dia me encontrarei/ pelos labirintos da vida”, mas ao mesmo tempo dá como conhecida a sua identidade: “Sou feita de atos e pensamento/ corpo e alma das letras em ação./ Mas o que mais me identifica e desenha o meu perfil/ são palavras./ Eu sou o que escrevo, sou a palavra que me revela/ nas entrelinhas dos meus poemas./ Queria tocar o corações das pedras./ queria que as pedras me lessem!”. As perspectivas de futuro são reveladas: “A vida me constrói/ o tempo me destrói./ Meu futuro é sem meta/ e meus sonhos são repletos/ de dicotomias” em outro poema “Ando devagar sem questionar o que busco./ sem lamentar o que fica./ E uma conformidade crepuscular identifica o meu tempo”.

E assim entre versos e poemas “Maria, Marias” nos convida a todo instante a refletir sobre a nossa vida, nossos projetos e a saborear cada conquista de nossa existência a seu tempo. Aos poucos fazemos nossas escolhas, tomamos nossas decisões e construímos a nossa história e percebemos que somos senhores do nosso destino dentro de um limitado ciclo de existência. Parabéns à Rita Mourão pela belíssima obra que rompe o patamar da literatura poética e ganha status filosófico em razão do exercício reflexivo que impõe ao leitor. Conheça outros trabalhos da autora no site: <https://versosderita.weebly.com/>.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

No alto da serra da Pimenta, um lugar conhecido como Cemitério dos Índios

ÁLBUM DO AUTOR



Marco de religiosidade e fé do piumhiense antigo

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Localizada no alto de um dos braços da serra da Pimenta, antiga serra do Pium-i, está um marco da fé dos antigos piumhienses. Dista do centro de Piumhi aproximadamente 10 quilômetros e o lugar é de difícil acesso. Alguns chamam o local de “Cemitério dos Índios”, outros de “Cemitério Quilombola”, outros ainda apenas de “Cemitério da Serra”, seja como for, o lugar era tido como sagrado pelos antigos piumhienses.

Ao longo dos anos o conjunto de dezenas de cruzeiras fixadas por amontoados de pedras aguçou a curiosidade de muitos piumhienses que chegaram inclusive a realizar escavações naquele espaço em busca de restos mortais humanos no intuito de comprovar ou não a existência de um antigo cemitério, no entanto, nada foi encontrado que pudesse provar a suposta necrópole. Além do mais, a área é caracterizada pelo solo pedregoso o que impossibilitaria a abertura de covas, caso o cemitério de fato houvesse existido. Outra questão que merece ser observada é o fato de que os indígenas e os escravos fugidos que formavam quilombos normalmente resgatavam as suas crenças religiosas e construir um cemitério aos moldes europeus e cristãos, certamente não seriam as suas opções. Pesquisas realizadas junto a antigos piumhienses e moradores daquela região deram conta de que aquele ponto da serra era destinado ao pagamento de promessas.

Seja como for, os amontoados de pedra e as inúmeras cruzeiras lá fixadas representam um extraordinário testemunho de religiosidade dos antigos piumhienses. Num pequeno e solitário cume da serra estão cravadas dezenas de cruzeiras de madeira transportadas até aquele alto mediante grande esforço físico por antigos devotos pagadores de promessas. A cruz símbolo cristão é muito utilizada pelo catolicismo para demonstrar o sofrimento de Jesus, sendo vista como estímulo a uma vida de oração e penitência.

Quando exatamente as cruzeiras foram fixadas naquele alto é uma incógnita histórica e que talvez jamais possa ser respondida com precisão. Mas comparando as diversas cruzeiras, percebemos pela comparação ao estado de conservação de umas com as outras que elas foram

fixadas em diferentes momentos. Algumas estão em quase completa ruína enquanto outras se apresentam bastante conservadas. Acredita-se que as últimas cruzeiras tenham sido fixadas há aproximadamente 60 anos, enquanto as mais deterioradas aparentam ter bem mais que um século de existência.

Outro detalhe que devemos observar é que antigamente não tínhamos a MG-050 que dá acesso ao pé da serra, por isso o caminho se dava por penosa caminhada. Após atingir o pé do morro, a caminhada tornava-se ainda mais penosa: andando em morro quase a pique por estreitas trilhas pedregosas e cheias de cascalho que margeavam a subida em ziguezague. Hoje é tudo mais fácil: cerca de 5 quilômetros pela MG-050 e mais alguns pela estrada vicinal que dá acesso ao Centro de Formação da Paróquia e às torres de televisão. Há dois caminhos: um mais longo pelas torres (cerca de hora e meia de caminhada) e outro pelo Centro de Formação, mais curto, no entanto mais difícil por ser a subida mais íngreme. De qualquer forma, os piumhienses antigos enfrentavam grande penitência para chegar ao local tido por eles como sagrado. O problema dos atuais visitantes é que as antigas trilhas quase não existem mais.

PAGADORES DE PROMESSA

Em reportagem publicada pelo ALTO S. FRANCISCO em agosto de 2005 lemos: “A primeira ideia que se tem é a de um pequeno cemitério no alto da serra da Pimenta”. No entanto, como já dissemos ali nunca foi cemitério, mas um lugar considerado sagrado que era destinado ao pagamento de promessas após penosa caminhada penitencial por antigos piumhienses.

Os pagadores de promessas levavam nas costas os madeiros e fincavam as cruzeiras que tinham as suas bases protegidas por amontoados de pedras. Os pequenos montes de pedra e as cruzeiras que não passam de um metro e meio de altura dão de fato a impressão de estarmos diante de uma sucessão de túmulos. A cada ano os pagadores de promessas voltavam ao local para rezarem, agradecerem as graças e fazerem seus pedidos. Era comum também as crianças levarem água para ser jogada nos pés dos cruzeiros, a fim de “garantir as bênçãos de Deus para as lavouras e a criação,

em forma de chuva na hora e dose certas” -- revela a publicação de 2005. A escolha das crianças se dava por ser senso comum a crença na pureza dos corações dos inocentes.

Em 2005 contava-se cerca de 50 cruzeiras, hoje o número parece bem menor. Essa diminuição é consequência da falta de conservação e das intempéries climáticas que assolam continuamente o conjunto histórico-religioso. Os vestígios existentes dão a impressão de que no passado o número delas era muito maior. Muitas estão apenas com sua haste vertical maior, sendo que seus braços já inexistem ou estão pelo chão arrancados pela ação implacável do tempo dando-nos a impressão de que este pode tudo corroer e destruir. A preservação deste acervo é muito importante para que as gerações atuais e futuras possam ter a oportunidade de conhecer e apreciar um pouco do que foi a religiosidade dos piumhienses antigos. O local também é um convite à reflexão, contemplação da natureza, além de que os que por ali passam desfrutem de belíssima vista panorâmica de toda região.

Por iniciativa do biólogo Luiz Henrique Vieira Mota, apoiado por diversos colaboradores dentre os quais o padre Daniel Teixeira Miranda, José Cabral, Luciano, Adaauto e tantos outros promoveram o primeiro passo nesse sentido: abriram uma trilha ligando o Centro de Formação ao conjunto, encurtando o acesso pela metade da distância. Uma Missa foi marcada para o Dia de Finados, isto é, 2 de novembro. A programação prevê saída em caminhada penitencial entre as 5:30 e 6 horas do Centro de Formação, sendo a missa celebrada após a chegada ao conjunto histórico-religioso. A Paróquia sugere que os participantes façam inscrição prévia no Escritório Paroquial e que levem garrafa de água, lanche e frutas, vara de apoio, uso de calçado fechado além de muita disposição e fé.

Os organizadores buscam apoio para a completa revitalização do local, sinalização da trilha no intuito de resgatar o antigo espírito sagrado do lugar resgatando o seu centenário ponto de fé, transformando-o em importante atrativo turístico de nosso município. Parabéns pela iniciativa, a memória piumhiense fica agradecida pelo belíssimo projeto.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. No alto da serra da Pimenta, um lugar conhecido como Cemitério dos Índios. Marco de religiosidade e fé do Piumhiense antigo **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 30 out 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

Sobrado da Paróquia: casa paroquial, hotel, colégio e apartamentos de aluguel em um século de história

‘A Parochia possui a melhor casa paroquial de todo o Bispado’; Dom Manoel Nunes em setembro de 1932

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

ACERVO DO AUTOR

Ao fundo da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Livramento há um sobrado de dois andares. Soma quase um século de existência e fora construído no terreno onde foi erguida a primeira capelinha de Piumhi: edificada com taipas de barro e coberta com folhas de palmeira -- ponto inicial da organização de uma povoação que daria origem à nossa cidade de Piumhi. O prédio tem a sua história além de ter sido testemunha de muitos acontecimentos históricos que se passaram por aqui e hoje, compartilharei algumas informações sobre este magnífico exemplar arquitetônico de nossa cidade.

A pequenina capelinha foi substituída pela três matrizes que Piumhi teve. Limpou o terreno para construir uma casa paroquial, pois a que habitava estava “mais parecida com um paiol de milho”. Padre Mário chegou em Piumhi no ano de 1915 e aqui permaneceu por 10 anos. Era um sacerdote dinâmico, inteligente e de ilibada moral, mas não foi muito bem compreendido pelos piumhienses. Deixou a paróquia Nossa Senhora do Livramento para se tornar o primeiro Pároco da Paróquia São Sebastião de Capitólio. O Bispo de Luz, Dom Manoel, foi obrigado a criar a Paróquia em Capitólio e enviar o padre Mário para lá porque recebeu avultada quantia para manter os estudos de seminaristas da Diocese.

A perda foi irreparável, pois não havia padre para assumir a Paróquia de Piumhi, mas como disse o Bispo não tinha outra opção. Diante disso, vários padres passaram por aqui a fim de cobrir a lacuna deixada pela transferência do Padre Mário: Padre Isidoro Guilhem, Padre Raymundo Rodolpho Correia, Padre João Batista Braga, Padre Henrique Rodrigues de Moraes, Padre José Espíndola Bitencourt e Padre Dr. Antônio Molina -- todos entre setembro de 1925 a agosto de 1927.

Em meados de agosto de 1927, foi designado para a Paróquia de Piumhi o padre português Bernardo Fernandes Nogueira. Alma piedosa e padre por verdadeira vocação tentou reformar alguns hábitos arcaicos e enraizados nos seus paroquianos, promoveu reformas na Matriz e alguns retoques na antiga Igreja do Rosário, mas a sua mais importante realização foi a conclusão da Casa Paroquial iniciada pelo Padre Mário da Silveira. A inauguração da Casa se deu festivamente no dia 25 de setembro de 1932. Em



A antiga Casa Paroquial inaugurada em 1932 pelo padre Bernardo

visita pastoral, o bispo de Luz, Dom Manoel Nunes Coelho anotou em seus registros: “A Parochia possui a melhor casa paroquial de todo o Bispado, com dois andares e uma infinidade de cômodos, mais própria para um colégio, no valor de uns 30:000\$000”.

Serviu de casa paroquial durante o tempo do Padre Bernardo, ciclo encerrado com sua morte em 27 de junho de 1937. Após a morte do padre Bernardo a paróquia passou a ser administrada pelos padres Cordimarianos. Em junho de 1938 outro padre português assumiu a paróquia de Piumhi, Abel de Abreu Vouguinha. Não quis morar na casa paroquial e adquiriu um terreno próximo à Matriz, onde montou um sítio que garantia a sua subsistência alimentar.

Nos fins da década de 1940 e princípio da seguinte o sobrado foi alugado para o funcionamento de um hotel. Inicialmente com o nome de Hotel Central administrado por Zoroastro da Costa Lima, conhecido como Zolô. Foi num dos quartos desse hotel que o Juiz de Direito Dr. Alfredo Guimarães Chaves e sua esposa Marina da Motta Moura fixaram residência após assumir a Comarca de Piumhi. Alguns anos depois Dona Marina seria raptada em plena madrugada e o Juiz da sacada do sobrado gritava desesperado: “Roubaram minha Marina, roubaram minha Marina”. O rapto teve motivação política (brigas de UDN e PSD) que já contei em detalhes em outros artigos. Posteriormente a direção do Hotel passou para José Bruno de Lima e sua esposa Marieta Mourão de Lima.

No princípio da década de 1950, tornou sede do Colégio

Técnico Comercial “Professor João Machado”, criado pelo professor Theodorico Vieira de Souza. Ali se formaram muitas gerações piumhienses. O Colégio era uma referência de ensino e muitas vezes mal fazia para pagar as despesas dado o desprendimento do Professor Theodorico que não negava uma vaga para quem não tivesse condições de efetuar o pagamento. Piumhi deve muito à este mestre e ao seu colégio.

Após a morte do padre Abel em 1959, sua chácara por força de testamento tornou-se propriedade das Obras Vocacionais da Diocese de Luz. O quintal foi loteado e a casa continuou servindo como Casa Paroquial, onde residiu o padre Alberico de Souza Santos. Na década de 1980 o Colégio encerrou suas atividades e o abandono do prédio quase levou à ruína, mas uma comissão montada pelo padre Wellington Costa reformou o prédio, transformando em apartamentos para serem alugados. A antiga casa do padre Abel foi vendida e o antigo sobrado da paróquia voltou a ser Casa Paroquial, só deixando de ser com a construção do novo prédio na esquina ao lado, onde havia sido a sede do Banco Comércio de Piumhi. Os apartamentos voltaram a ser alugados.

Com quase um século de existência, o prédio continua de pé como testemunha de muitos fatos da história piumhiense tais como o sequestro da mulher do Juiz, dezenas de desfiles cívicos, os namoros na praça, arruaças juvenis, além de outras passagens que já acabaram caindo no esquecimento histórico por não terem sido registradas.

Fale com o autor: professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. Sobrado da Paróquia: casa paroquial, hotel, colégio e apartamentos de aluguel em um século de história. ‘A Parochia possui a melhor casa paroquial de todo o Bispado’; Dom Manoel Nunes em setembro de 1932. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 06 nov 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL JOSINO ALVIM

Os 77 anos de um ícone na Educação em Piumhi

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Atendendo ao pedido da direção da Escola Municipal “Josino Alvim” trago aos leitores algumas informações históricas sobre essa tradicional escola de nosso município. No princípio a educação piumhiense foi se organizando a passos lentos. Esforçados professores públicos e particulares deram os primeiros acordes do sistema educacional apesar dos pouquíssimos recursos disponíveis. Não havia escolas onde as crianças e jovens pudessem estudar. A escolaridade daquela época muitas vezes restringia-se a ler, escrever e executar as operações básicas da Matemática. A primeira escola pública de Piumhi foi o Grupo Escolar “Dr. Avelino de Queiroz”, criado por decreto em 1913, mas somente inaugurado em 1921. Essa instituição permaneceu por muitos anos como única pública de ensino da cidade.

Nos princípios da década de 1940, as autoridades políticas de Piumhi começaram a discutir sobre a necessidade da criação de outra unidade de ensino, pois o Grupo Escolar “Dr. Avelino de Queiroz” não estava conseguindo atender toda demanda de estudantes. Por iniciativa dos prefeitos e da Câmara Municipal diversos requerimentos, pedidos, solicitações foram enviados ao Governo do Estado. Muitas promessas e ilusões foram feitas, mas a esperança não foi minada. A resposta concreta veio somente em 29 de agosto de 1945, quando o Interventor de Minas Gerais, Dr. Benedito Valadares Ribeiro, assinou o decreto nº. 2.169 pela qual criou o segundo grupo escolar de Piumhi. O decreto não deu nome à escola, pois cabia à comunidade a indicação da denominação.

Deve-se a existência do Grupo Escolar, naquela ocasião, graças aos esforços do farmacêutico Artede Almada Alvim, então prefeito de Piumhi, que possuindo grande acesso ao Governo do Estado conseguiu obter a criação da unidade no momento certo, pois Benedito Valadares permaneceu à frente do estado até 4 de novembro de 1945. Dessa forma, justo foi franquear ao douto prefeito a escolha do nome da escola, este propôs o nome de seu pai, Josino de Paula Alvim, homenagem merecida em razão do histórico de vida e honestidade do patrono escolhido. As autoridades políticas e a sociedade piumhiense receberam a indicação de bom grado dado à índole do homenageado.

A instalação da escola era medida urgente para o município. Enquanto as paredes da nova unidade se erguiam, a escola foi inaugurada em 23 de setembro de 1945 aproveitando-se as adequadas instalações da extinta Escola Normal “Dr. Francisco Campos”, atual Escola Estadual “Professor José Vicente”. O prédio da velha escola há algum tempo abandonado sofreu pequenas reformas e algumas adaptações. O educandário foi instalado com 15 turmas e aproximadamente 600 alunos. Permaneceu naquele espaço inicial por muito pouco tempo, apenas durante a construção do novo prédio no lugar atual daquele estabelecimento. Erguido sobre parte do antigo Cemitério Eclesiástico, a escola contou com recursos do Governo do Estado, na época governado pelo Dr. Milton Campos, o prefeito Municipal era o Dr. Oswaldo Soares Machado. Após

a conclusão da obra, a comunidade política de Piumhi se dividiu: alguns desejavam que o Grupo Escolar “Josino Alvim” permanecesse no prédio da antiga Escola Normal e que no novo prédio fosse criado uma nova escola. Outros desejavam a mudança para o novo prédio porque o prédio da antiga escola já estava carecendo de grandes reformas estruturais. Venceu o debate a turma que defendia a mudança para o novo prédio, e a sede do Grupo Escolar “Josino Alvim” passou a ser a atual. Posteriormente, a antiga Escola Normal foi adquirida pelo Estado de Minas Gerais e depois de ampla reforma que descaracterizou a edificação de sua originalidade, tornou-se sede do terceiro grupo escolar de Piumhi com o nome de “Professor José Vicente”, criado e inaugurado no ano de 1961.

Ao longo de sua existência a escola escreveu seu nome com letras garrafais na história da educação de nossa cidade. Sempre priorizou uma educação de qualidade focada em formação de crianças cidadãs, patrióticas e acima de tudo com visão crítica do mundo em que vive. Em razão das reformas educacionais o nome da escola foi alterado para Escola Estadual “Josino Alvim”, deixando de lado a antiga denominação de Grupo Escolar. Estiveram na sua direção Maria Luciano de Queirós (1945 a 1946 e 1951 a 1952), Maria Catarina Tôres (1946 a 1947), Alda Menezes Vilela (1947 a 1949), Isaura Soares de Almeida (1949 a 1950), Maria Serafina de Freitas (1952 a 1969), Ademar Rezende (1969 a 1983), Vera Lúcia das Graças Soares (1983 a 1987), Maria Margarida Rezende Oliveira (1987 a 1990), Juscélia Maria de Moraes (1990 a 1997), Regina Celi de Freitas Santos (1997 a 2003), Lúcia Maria Batista Souza (2003 a 2010), Vânia Aparecida Costa Castro (2010 a 2016), Nílma de Lima Costa (2017 a 2018), Elódia Dilma Silva (2018 a 2020) e Viviane Michele Ribeiro (2020 a 2021). Desde janeiro de 2021 assumiu a direção da escola a professora Karla Cristina de Oliveira Costa que está empenhando para garantir aos funcionários boas condições de trabalho e um ensino de qualidade aos alunos, sempre contando com o apoio de Rosiane Resende Silva.

No ano do centenário de Piumhi, isto é, 1968 a escola ganhou uma considerável reforma e teve seu espaço de construção ampliado. Conquista realizada graças à CARPE (Campanha de Recuperação e Reparos de Prédios Escolares), projeto do governo do Estado de Minas Gerais. Ainda no ano de 1968 a escola começou a vivenciar uma experiência fantástica através da implantação do método de alfabetização denominado “global” do Circo do Carequinha, criado e desenvolvido pela então diretora



ALTO ARQUIVO

O Josino Alvim, segunda escola pública em Piumhi

da instituição Maria Serafina de Freitas. A experiência foi um sucesso e rapidamente se espalhou por todo Estado. A escola muito se orgulha dessa experiência por ter servido de modelo por tantos anos seguido por tantas outras instituições de ensino. Maior orgulho ainda é ter tido a experiência de Dª Maria Serafina de Freitas como sua diretora. Os sucessos obtidos projetaram a educadora que tão logo deixou a direção da escola para trabalhar na Delegacia de Ensino.

No governo municipal do Dr. João Batista Soares foi aprovado pela Câmara Municipal depois de muita discussão a municipalização da escola, bem como outras instituições dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, a partir de 1º de julho de 1997, o educandário passou a se denominar Escola Municipal “Josino Alvim”. Consequentemente, a administração da unidade passou a ser responsabilidade do município.

Em agosto de 2007, o prefeito Municipal Arlindo Barbosa Neto (Marcinho Contador) inaugurou a “Fonte da Harmonia”. Um pedido especial da diretora Lúcia Batista. Além de embelezar a entrada da escola, possibilitou mais um instrumento lúdico no processo de aprendizagem. A fonte foi construída pelo funcionário Gilberto do SAAE.

Hoje, a escola mantém um alto padrão de educação e, ao celebrar o seu 77º aniversário de instalação em 23 de setembro, privilegia como foco o aluno e a sua formação para o exercício da vida cidadã e crítica. Os professores são altamente qualificados e desempenham suas funções com amor e muita dedicação, fazendo com que a escola se mantenha como referência não só no município, mas em toda região. Conta com classes que vão desde a pré-escola até o 5º ano do Ensino Fundamental I, somando 519 alunos divididos nos turnos matutino e vespertino, 35 professores, 2 supervisoras escolares, 2 bibliotecárias, 2 secretárias, 12 contínuos serventes secretárias sob o comando de uma diretora. O sucesso da nossa escola é o resultado da dedicação, amor e comprometimento de cada uma dessas pessoas, por isso, receba essa singela homenagem em razão da celebração de sua história de sucesso nesses 77 anos de existência.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. Breve histórico da escola municipal Josino Alvim. Os 77 anos de um ícone na educação em Piumhi. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 13 nov 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

De agrimensor a reverenciado com o nome de grupo escolar

ÁLBUM DO AUTOR

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Na última crônica trouxe aos leitores alguns apontamentos da história da Escola Municipal “Josino Alvim”. Hoje dedico algumas linhas ao patrono daquele estabelecimento escolar: Josino de Paula Alvim.

Nasceu em Piumhi em 17 de agosto de 1885. Filho do advogado e Coronel Francisco de Paula Xavier, conhecido como Coronel Chico de Paula, natural da Pimenta, e Deolina Cherubina de Oliveira Alvim, membro de tradicional família piumhiense. Josino passou sua infância em Piumhi e aqui mesmo teve o contato inicial com as letras, através dos poucos professores que havia em Piumhi.

Sempre demonstrou amigo do conhecimento. Essa ânsia pelo saber o fizeram buscar formação autodidata na área da Engenharia, tornando-se agrimensor licenciado, sendo portador do CREA nº 61. Instalou um gabinete de trabalho em Piumhi, onde se tornou profissional muito requisitado em razão de sua seriedade e compromisso com a ética e a moral. Assim, além de um profissional de respeito, tornou-se um ser humano admirado por toda comunidade em que convivia. Foi também muito requisitado como “louvado” profissional que promovia a avaliação de móveis e imóveis em processos judiciais.

Em 16 de outubro de 1909, casou-se com Sabina Almada de Menezes, nascida em Piumhi e filha de Antônio de Almada (Tonico Almada) e Jovita Menezes Almada. O casal teve os filhos: Artede -- que futuramente ocupou os cargos de Presidente da Câmara e Prefeito Municipal de Piumhi, Bossuet, Cyra, Diolina, Eulina, Francisco, Gutemberg e Hélio -- todos com sobrenome Almada Alvim.

Foi um personagem atuante



Josino Alvim em família, com a mulher Dª Sabina, filhos e netos

no cenário político do município, chegando a ser eleito por seus pares como presidente do Partido Social Democracia (PSD). Foi eleito Juiz de Paz, na época em que a função era escolhida por meio de eleições. Além de Juiz de Paz não ocupou cargos eletivos, gostava e militava na política, porém, nos bastidores, sendo uma figura de respeito e sempre consultado pelos escolhidos a candidatos e depois como conselheiros dos gestores do município.

Além da sua formação profissional era um autodidata, sabendo discutir qualquer assunto, pois era amante da leitura, chegando a possuir uma invejável biblioteca de assuntos bastante diversificados. Lia muitos jornais e estava sempre informado dos principais acontecimentos da região, Brasil e do mundo.

Desde criança Josino Alvim conviveu com crises asmáticas e mais tarde passou a sofrer insuficiência hepática o que provocava fortes cólicas de fígado. A morte, sempre sorrateira e implacável colheu Josino Alvim ainda jovem, aos 52 anos de idade, em 2 de outubro de 1941, depois de ter convivido com terrível sofrimento. Seu prestígio

e respeito social eram tamanhos que no dia de sua morte os bancos da cidade fecharam as suas portas, a escola Normal “Dr. Francisco Campos” e o Grupo Escolar “Dr. Avelino de Queiroz” decretaram feriado por luto oficial. Neste último, a bandeira do Brasil foi hasteada a meio mastro em sinal de luto. O Fórum de Piumhi também suspendeu as suas atividades e “todo povo de Piumhi e dos municípios vizinhos sentiu demais a sua morte e o seu enterro teve uma grande concorrência”, anotou seu filho Artede Almada Alvim em uma caderneta.

Desse modo, a fim de eternizar a sua memória, seu filho Artede, quando prefeito de Piumhi sugeriu o nome de Josino Alvim para denominar o segundo grupo escolar da cidade, instituição que se destaca pelas conquistas e realizações no campo do ensino. Fica para nós o exemplo de um cidadão simples que se fez grande na sociedade em que viveu, não por ter conquistado fortuna, mas por ter deixado grande legado moral e familiar para a sociedade piumhiense.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Lira São José: fundada por Pedrinho Veloso a instituição beira um século de existência despertando o amor e a vocação pela música

Corporação surge em 1923 da fusão de outros quatro grupos

ACERVO DO AUTOR



A Lira São José com o maestro Pedsrinho Veloso à frente de sua fileira com três dezenas de músicos

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

A Corporação Musical Lira São José foi criada em 1923, portanto, há quase um século. Seu fundador foi o entusiasta da música Pedro de Alcântara Veloso. Antes da Lira São José, no início do século XX, havia em Piumhi pelo menos quatro bandas de música. Cada uma delas era comandada pelo seu formador: o italiano Francisco Carrato, Tabelião Ovídio Arantes, Coronel José Flamiano de Freitas e Coronel Carlos Antônio de Alvarenga Machado. Com exceção da banda do Tabelião Ovídio Arantes que tinha a finalidade ser um atrativo ao seu Cinema Mudo, as demais foram formadas em decorrência das rivalidades entre os comerciantes e políticos da cidade. Apesar das disputas e rivalidades essas bandas muito contribuíram para o desenvolvimento musical em Piumhi.

No entendimento, da saudosa professora de música Hebe Bruno: *“certamente essa dispersão de forças e rivalidades resultava em grande prejuízo para a arte, não passando os conjuntos de simples conglomerados sem valor”*. Ao perceber esse erro e o prejuízo para a musicalidade piumhiense, Pedrinho Veloso, movido por sua inteligência e amor à arte da música, teve a feliz ideia de unir a maioria dos elementos de melhor qualidade musical das quatro bandas e fundar em 1923 a Lira São José. Passou a dirigir a nova corporação musical com muito zelo e técnica transformando-a numa das melhores bandas da região.

Instalada a Lira São José, o seu fundador e maestro Pedrinho Veloso dedicou-se intensamente ao processo de formação continuada dos músicos, buscando um aprimoramento que beirava a perfeição. Buscou subvenções e realizou campanhas a fim de renovar sempre os equipamentos e instrumentos. No registro fotográfico que ilustra a crônica temos o flagrante de uma das

primeiras formações da Lira São José. Ao centro com a “batuta” de maestro nas mãos está o fundador da corporação Pedrinho Veloso. Observe também a disciplina na formação e disposição do conjunto para a foto, uniforme impecável e os instrumentos conseguidos mediante muita luta e dedicação do próprio maestro e seus alunos.

Ao longo de sua existência centenária, a Lira São José se apresentou em diversos acontecimentos, festividades e enterros. Destaque muito especial para as retretas realizadas no Jardim Municipal Olegário Maciel (hoje praça Dr. Avelino de Queiroz) que até hoje são lembradas pelos piumhienses mais antigos como um dos exemplos dos melhores momentos culturais de nossa história.

Como já dissemos a criação da Lira São José foi um projeto de Pedro de Alcântara Veloso, o qual só se concretizou porque contou com o apoio de muitos amigos e entusiastas da música. O patrono da instituição era conhecido carinhosamente como Pedrinho Veloso. Era um verdadeiro apaixonado pela arte da música e um artista de inúmeras qualidades.

Pedrinho Veloso nasceu na cidade vizinha de Pains, em 22 de janeiro de 1896. Era um dos filhos da numerosa família de João Pedro Vieira e D^a Comélia Veloso. Viveu a sua infância em sua terra natal, onde desenvolveu o gosto pela arte da música. Ainda em Pains, em 29 de agosto de 1914 se casou com Maria Portela Veloso, dando origem a uma numerosa família de 13 filhos.

Em 1916 mudou-se para Piumhi para trabalhar, mas depois de algum tempo retomou para aquela cidade. Somente em 1919 é que se transferiu definitivamente para Piumhi, a fim de trabalhar como balconista e escriturário da loja do italiano Francisco Carrato. Muito inteligente e autodidata conseguiu à custas de suas capacidades e qualidades tornar-se funcionário

público municipal, revelando-se exemplar e dedicado profissional. Foi nomeado Prefeito Municipal de Piumhi em 1948. Em toda a sua trajetória de vida sempre revelou-se um homem honesto, querido e estimado por todos.

No ano de 1923, Pedrinho Veloso idealizou a fundação da Lira São José, uma Corporação Musical que pudesse congregiar os amantes de arte, bem como estimular o gosto pela música e ensinar os que tinham aptidão revelando grandes talentos musicais. Na Lira, tornou-se maestro e professor ensinando a música para várias gerações de piumhienses. Morreu em 9 de maio de 1953, deixando como legado a Lira São José e uma infinidade de composições musicais. Quase centenária, a Lira São José é hoje um dos mais importantes patrimônios históricos e culturais de nosso município.

Ao longo dessa jornada muitas foram as conquistas, assim como as dificuldades, mas tudo contornado com muita alegria, disposição e musicalidade. Hoje a Lira é presidida por Vânia da Consolação Soares Costa que assim como o fundador continua não medindo esforços para alcançar importantes melhoramentos. Recentemente, a sede foi reformada e para as comemorações do centenário da instituição foi criado o “Memorial Pedro de Alcântara Veloso”, que consta da mostra de instrumentos antigos da Lira e alguns painéis históricos que contam um pouco de sua história, com data de inauguração ainda a ser definida pela diretoria.

A maior conquista da Lira São José é proporcionar as crianças, jovens e adultos o conhecimento e o gosto pela música e quem sabe afastá-los dos maus caminhos. Que Deus abençoe essa instituição para que continue essa nobre e importante missão.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. Lira São José: fundada por Pedrinho Veloso a instituição beira um século de existência despertando o amor e a vocação pela música. Corporação surge em 1923 da fusão de outros quatro grupos. **Alto S. Francisco.** Piumhi, ano 101, 27 nov. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

A encarnação da humildade, mulher de fé e de muitas rezas

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

A simplicidade e humildade também deixam suas marcas na história de uma localidade. Em outras palavras não é preciso que se tenha uma vida cheia de diplomas, conquistas econômicas ou políticas para ter alcançado o reconhecimento de uma sociedade. É mais difícil preservar a memória nessas circunstâncias, mas não impossível. Falar de humildade e simplicidades em Piumhi é descrever a vida de dona Ana Catharina de Jesus, conhecida como Sinhana Eva, a razão desse inusitado apelido, tão diferente do nome, será descrita adiante.

João Eva de Araújo e Joana Catharina de Jesus se casaram em Piumhi no dia 13 de maio de 1893. Ele filho natural de Eva de Araújo, já falecida na ocasião do casamento e ela viúva de Ananias José de Castro. Eva de Araújo fora escrava e sentiu na pele as mazelas da escravidão. O casal teve pelo menos meia dúzia de filhos, dentre os quais Ana Catharina de Jesus que nasceu na região dos Motas, município de Piumhi “a dias de dezembro do ano passado”, como anotou o padre Ananias de Paula Vieira no registro de seu batismo realizado em 13 de fevereiro de 1900. Seus padrinhos foram João da Mota Coelho e Anna Joaquina da Glória. Dessa forma, Ana Catharina nasceu em dezembro de 1899.

Do nome Ana veio o seu apelido Sinhana e Eva deriva do sobrenome de seu pai “João Eva” (falecido em 19 de novembro de 1935), o qual herdou o nome de sua mãe Eva como sobrenome. Daí Sinhana Eva o nome pelo qual foi conhecida durante toda a sua existência. Ela não nasceu no tempo da escravidão, o “cativoiro” como era chamada essa triste passagem de nossa história havia sido abolido alguns anos antes em 13 de maio de 1889. No entanto, o fato de não ter nascido na época da escravidão não significava que os ex-escravos e seus descendentes não tiveram que se sujeitar a situações de trabalho e condições de vida típicas do regime recém abolido. Foi nesse universo de dificuldades que Sinhana Eva e seus irmãos foram criados: desde a tenra idade trabalharam e nunca conheceu escola, não sabia assinar sequer o próprio nome. Pinço nessas linhas um relato que ouvi de negro idoso que descreveu o tempo de seus pais e sua infância no início da década de 1930: “era um dia inteiro de trabalho pesado na lavoura, fazendo cerca e roçando pasto ou fazendo outro serviço da roça para receber como pagamento um quilo de rapadura para adoçar o café ou um quilo de toucinho de porco, utilizado para cozinhar os alimentos que plantávamos em terreno alheio como meeiro ou no quintal da choça onde morávamos” (Entrevista com João Alfeu de Souza - sr. Domin). É nesse misto de pobreza e simplicidade que Sinhana Eva cresceu e imprimiu em si a personalidade e carisma que lhe acompanhou durante a sua nonagenária existência.

Em 2 de maio de 1923, então com 24 anos ela se casou com João Sabino da Silva, solteiro, natural de Piumhi, também com 24 anos, filho de Thomás João da Silva e Rita Izabel de Jesus. O casamento foi celebrado pelo Vigário Vicente Venâncio de Melo que

obteve licença do padre Mário da Silveira e foi testemunhado Simplicio Rodrigues Vieira e Joaquim Custódio Leal. O casal teve pelo menos quatro filhos: Clóvis, nascido em 11 de março de 1931, Geraldo nascido em 25 de julho de 1933, Duque e Ilda nascidos em data desconhecida.

A vida de casado não aliviou o fardo do trabalho pesado, mas ao contrário, era preciso trabalhar mais para garantir o sustento da família. Desde jovem Sinhana tinha uma fé inabalável e tinha certeza que nada faltaria em seu lar. Uma das maiores provações pelas quais passou foi a prematura morte de seu marido. Nesse momento, as coisas apertaram e Sinhana se viu obrigada a vender tudo o que tinha e se mudar para a cidade. Com os poucos recursos que conseguiu angariar e com ajuda de parentes e amigos conseguiu comprar uma casa simples no antigo Morro do Marruás, hoje bairro Bela Vista, naquela época fora da cidade, pois o limite urbano era o Córrego do Lavapés.

Em entrevista ao jornal Alto S. Francisco concedida em 1978 ela mesma explicou: “O morro era muito ruim naquela época. Quando o córrego enchia, não tinha jeito de vir cá para a cidade. Tava lavando roupa lá e de repente tinha que carregar tudo correndo para a enchente não levar”. Em Piumhi, Sinhana teve se sujeitar à toda espécie de trabalho: na roça, doméstica e foi lavadeira de roupas, com muita luta, dedicação e trabalho conseguiu criar seus filhos. Morou no morro por algum tempo e depois conseguiu adquirir uma casinha simples na antiga rua Pernambuco, hoje Crispim Elias da Cunha, por volta de 1950.

Foi na Mata da Lagoa, quando contava com seus 18 ou 19 anos, que aprendeu a rezar tendo com o velho Matias - personagem que o tempo se encarregou de colocar no esquecimento. Problemas como quebrante, mau olhado, mordedura de cobra, queimadura, hemorragia, dor de dente, doenças e pestes em animais e outros encontravam alento e remédio nas rezas secretas de Matias que segundo Sinhana descreveu na entrevista já mencionada “era como uma coisa do céu”. Apenas três dias foram necessários para que Sinhana Eva aprendesse tudo. Como pagamento deu ao velho um corte de tecido para feitura de uma calça. Matias explicou à ela que para cada caso havia a reza certa e um santo a ser invocado: São Judas Tadeu, São Jorge e uma infinidade de outros, cada qual com a sua especialidade.

Assim, coube à Matias iniciar Sinhana Eva na arte da benzedura, característica que a “transformou numa legenda, um nome que todos conheciam - e respeitavam - um mito tipicamente piumhiense, um remédio para muitos males: Sinhana Eva, a rezadeira [...] que deixou-nos como legado a lembrança de um tempo em que o homem acreditava nas coisas simples e puras [...]”.



Sinhana Eva, e suas rezas: “era como uma coisa do céu”

Na entrevista Sinhana registrou talvez a maior e mais importante recomendação de Matias: “_ Olha crioula, eu vou-lhe ensinar tudo, mas você nunca ensine para ninguém... Quem ensina, perde a força”. Ela levou a sério a recomendação e nem mesmo aos filhos ela ensinou cumprindo à risca a promessa que fez ao “professor”.

Aprender a “arte da reza” mudou a vida de Sinhana Eva. Em sua casa recebia muitas visitas, algumas de gente desesperada que não sabiam mais o que fazer querendo salvar seus filhos, gado ou outros animais. Houve dias que não conseguiu trabalhar, tamanha quantidade de casos que tinha que atender. Para quem quisesse sempre tinha uma bênção, um conselho e um chá com biscoitos fritos. Quando percebia que a situação do “paciente” era grave, ela era sincera e mandava procurar o médico dizendo que “isso não é para mim não...”. Dizia ainda que “rezar é uma caridade que a gente faz, não é bom para gente não. A gente sofre muito” - parece que absolvía para si parte dos problemas e enfermidades daqueles que à procuravam.

Ninguém está obrigado a acreditar que as rezas de Sinhana tinham efeito, mas o fato é que seu trabalho era para muitas pessoas e famílias daquela época o um alento contra todo e qualquer mal que os incomodasse. Ainda hoje existem muitos testemunhos sérios, ou pelo menos bem intencionados, de pessoas que à ela recorrem e encontraram êxito nas suas rezas.

Seu maior legado foi “sua simplicidade, na pureza das intenções de quem não buscou fama, riqueza ou notoriedade” colocando-se sempre a serviço de toda comunidade piumhiense a troco apenas da sensação de que estava cumprindo a sua missão. Em 1978 já estava doente e andava apenas dentro de casa, mesmo assim se mostrava forte e saudável, continuando a rezar para si, para os seus e para quem a procurasse.

Morreu em Piumhi em abril de 1990, prestes a completar 91 anos. Essa foi a trajetória de vida de uma negra, desdentes de escravos, de jeito simples e bondoso que passou a sua vida rezado para curar males alheios, principalmente de crianças. Em sua homenagem seu nome foi colocado em um Projeto criado em Piumhi, mantido por uma Associação que visa desenvolver práticas culturais, desportivas e sociais, além de eternizar a memória dessa importante personagem da história piumhiense.

Fale com o autor: professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. Ana Catharina de Jesus: a encarnação da humildade, mulher de fé e de muitas rezas. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 04 dez. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

Juiz, Advogado, precursor da imprensa piumhiense e esquecido de nossa história

ACERVO DO AUTOR

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Dr. Severo Mendes dos Santos Ribeiro era natural da antiga Tamanduá, hoje Itapecerica, onde nasceu no dia 30 de outubro de 1874. Filho do também Dr. Severo Mendes dos Santos Ribeiro, o Velho e Dona Maria Antunes Corrêa Ribeiro. Por ser homônimo de seu pai ficou conhecido como Severinho Ribeiro.

O pai do Dr. Severo Ribeiro foi Juiz excelente magistrado, tendo legado ao filho o gosto e aptidão pelas ciências jurídicas. Assim se tornou advogado licenciado. Chegou a trabalhar como advogado em sua terra natal, mas ainda jovem transferiu residência para Piumhi onde continuou a exercer brilhantemente a sua profissão.

Aqui além das relações profissionais, construiu muitos laços de amizade, principalmente na tradicional família de José Vicente Ferreira. O laço de amizade logo foi convertido em parentesco por afinidade pois, Dr. Severo Ribeiro se casou com Dona Ernestina, no entanto o registro de casamento não foi localizado. O casal não teve filhos, mas criou e educou os sobrinhos de sua esposa.

Em Piumhi além de ter atuado como advogado fez história junto com seu colega de profissão Dr. Arthur César da Silva Lima ao fundar, em 1906, o primeiro jornal da cidade, denominado “*O Reformador*”, conforme se depreende do livro *Calendário Histórico de Piumhi -- Coletânea de Pesquisas* do saudoso Oscar Alves Rocha, publicado em 1975 pela editora JF. Sabe-se que o jornal tinha tipografia própria e que em 1908 a sociedade se desfez e o jornal parou de circular. Infelizmente não dispomos de nenhuma outra informação desse importante periódico de nossa história.

Não sabemos até que ano permaneceu em Piumhi, mas depois de sua passagem por aqui regressou a sua terra natal onde continuou advogando e trabalhando na imprensa, suas duas grandes paixões. Com escritório instalado ponto estratégico conseguiu muitos clientes, tomando grande caudaloso e galgando considerável fortuna. A sua filosofia de trabalho era constante estudos para adquirir cultura jurídica e probidade profissional. Atuava no criminal e cível não fazendo preferência de um ou outro, destacando tanto na oratória da tribuna como nas peças escritas sempre subsidiadas nos mais conceituados juristas da

época fossem brasileiros ou de outras nacionalidades.

Aos poucos tornou um personagem respeitado, não só como advogado, mas como um ser humano sensível às necessidades do mundo a sua volta. Foi nessa perspectiva que tomou a chefia do PSD (Partido Social Democracia), conhecido em Itapecerica como *Partido Tareco*. No mundo político revelou ser elemento eminente e de grande valor. Ocupou o cargo de Agente do Executivo (atual cargo de prefeito) de Itapecerica de 1923 a 1927, substituindo com louvor Moisés de Castro que havia renunciado ao cargo. Em 1927 foi eleito para o mesmo cargo permanecendo nele até 1930, quando as Câmaras Municipais foram dissolvidas em razão da Revolução de 1930. Opositor declarado ao regime ditatorial de Vargas foi preso e conduzido ao presídio de Oliveira e daí para Belo Horizonte seu sobrinho sempre levou comida e água ao tio no presídio por receio de envenenamento. Solto retornou à Itapecerica onde foi nomeado como chefe do Executivo Municipal.

Enquanto administrador da cidade procurou embelezar a cidade principalmente no seu aspecto urbano: remodelou jardins das praças, reforma do coreto, criou jardins de rosas o que valeu à cidade o apelido de “Cidade das Rosas”. Teve papel importante na instalação do “Colégio Imaculada Conceição”, pois incentivou e apoiou com subsídios municipais a Dona Maria Luíza Toscano Malaquias quando decidiu transferir este colégio de Fomniga para Itapecerica. Nos anos seguintes continuou ajudando nessa bela obra de educação naquela cidade, razão pela qual foi convidado para se tornar o paraninfo da primeira turma de formandos daquele colégio. Essa turma foi também a primeira a se formar no curso ginásial (hoje anos finais do ensino fundamental) em Itapecerica. Seu carinho e dedicação em favor da educação de sua cidade natal, fizeram com que as autoridades políticas futuras colocassem o seu nome numa escola da cidade. Enquanto



Mineiro de Itapecerica; Dr. Severo Ribeiro

governante de Itapecerica se reunia com vereadores em sua casa para discutirem problemas administrativos e muitas vezes demonstrava grande desprendimento ao ponto dispor dinheiro do próprio bolso para custear obras públicas.

Em Itapecerica não abandonou a paixão pela imprensa tendo sido jornalista e redator dos jornais “*O Itapecerica*”, “*A Luta*”, “*Correio do Oeste*” e outros jornais daquela cidade. Dr. Severo era amante das modernidades e por isso tornou-se pioneiro ao levar para Itapecerica o primeiro carro, geladeira e rádio da cidade.

Segundo a descrição do sobrinho Crispim Ribeiro Fonseca, Dr. Severo Ribeiro tinha estatura e corpo médio, vestia-se com elegância, tinha adoração por crianças, temperamento afável e brincalhão, escravo do horário nunca perdendo os prazos legais em seus processos, gostava de ser anfitrião em recepções que dava em sua casa regradas à iluminação elétrica, excelentes músicas e bebidas importadas (GARCIA, Josyany de Oliveira. *Fragments Históricos: Biografias dos Presidentes do Legislativo Itapecericano*).

Faleceu em Itapecerica no dia 18 de setembro de 1946, prestes a completar 72 anos. Diante de seu posicionamento político, Dr. Severo Ribeiro, acumulou grande círculo de inimigos que festejaram a foguetes sua morte, quando o esquife conduzia o corpo do notável advogado ao Cemitério de Itapecerica. As implicações foram tantas que se fez necessário intervenção policial.

Fale com o autor: professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. Dr. Severo Ribeiro: juiz, advogado, precursor da imprensa Piumhiense e esquecido de nossa história. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 11 dez. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

Pedreiro, sacristão e o legado de simplicidade e idoneidade

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Hoje trago aos piumhienses a trajetória de vida de Trajano Pinheiro Ribeiro, um personagem simples, que deixou como legado uma história de superação, honestidade e muito trabalho. Seu nome se liga à história de nossa cidade, pois sempre é lembrado com muito carinho e saudade.

Trajano Pinheiro Ribeiro nasceu na cidade de Piumhi em 21 de junho de 1897. Seus pais eram Benedicto Pinheiro Ribeiro e Guilhermina Maria de Jesus -- cujas origens não nos foi possível determinar com clareza mas segundo a tradição oral familiar eram provenientes da Bahia. Trajano iniciou a sua história com a Igreja Católica através de seu batismo realizado pelo padre Francisco Gonçalves Goulart -- padre Chico Goulart, em 17 de julho do mesmo ano de seu nascimento. Foram seus padrinhos Joaquim Soares Ferreira e Maria Carolina de Melo. Teve pelo menos os irmãos: Joviano, Maria, Joaquim, Antônio, Pedro e Zulmira.

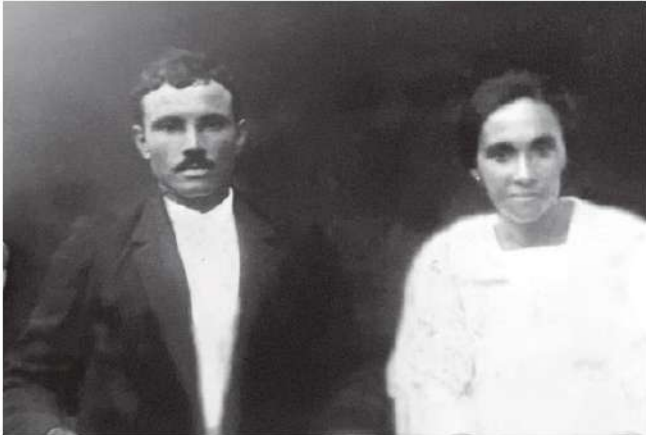
Seus pais eram muito rígidos e impuseram uma educação austera e severa aos filhos incrustando neles uma forte personalidade moral, idônea e religiosa. A família tinha fé fervorosa, rezava o terço diariamente e frequentava a Igreja Católica assiduamente. Essa conduta desde a tenra idade contribuiu de forma muito significativa para que Trajano e os irmãos crescessem na fé e na espiritualidade. Ainda jovem tornou-se membro de um grupo de Adoradores do Santíssimo Sacramento da Paróquia Nossa Senhora do Livramento.

A infância de Trajano não foi muito fácil. Naquela época, Piumhi não dispunha de escola pública para todos e como a família era muito pobre acabou tendo que começar a trabalhar muito cedo. Mesmo assim era privilegiado por ter aprendido a ler e escrever, num período em que a maioria das crianças e jovens era totalmente analfabeta. Trajano foi crescendo e com a idade as responsabilidades foram aumentando. Tomou-se servente de pedreiro e em pouco tempo, graça à sua grande capacidade de aprender, estava dominando a técnica da construção de casas. Assim, ainda muito jovem exercia com grande habilidade o ofício de pedreiro.

Aos 23 anos de idade decidiu construir a sua família. A escolhida para ser sua esposa se chamava Júlia Maria Batista, 16 anos de idade, nascida em Piumhi aos 8 de setembro de 1904, filha de Joaquim Batista Brandão e Rita Maria Batista. O casamento aconteceu às 17 horas de 21 de outubro de 1920, conduzido pelo padre Mário da Silveira e tendo como testemunhas José Justino de Aquino e Mizaél Júlio Ferreira. O casal teve 10 filhos: João, Maria, Geralda, Elina, Francisca, Joaquim, Mário, Antônio, Pedro e Luzia. Muitas vezes acabou sendo enérgico com os filhos no sentido de querer educá-los no caminho correto.

NO BATER DO SINO

Em 1938, vindo de Portu-



Trajano e a esposa D^a Júlia com a qual casou-se em 1920 e teve 10 filhos

gal, assumiu a Paróquia Nossa Senhora do Livramento, o polêmico padre português Abel de Abreu Vouguinha. Após tomar contato com a paróquia e seus paroquianos, o padre lusitano que também se ocupava com o cultivo de sua chácara, viu em Trajano o perfil ideal para se fazer dele um bom “sacristão”. Assim, Trajano se iniciou nessa missão que cumpriu com respeito, zelo e dedicação por longos anos de sua vida. Iniciado o trabalho na Igreja aprendeu as manias do exigente padre Abel e logo conquistou a confiança do sacerdote e tornando-se um fiel servidor, cuidando com muita afeição, responsabilidade e afabilidade da Igreja Matriz e da Igreja do Rosário, mantendo-as sempre limpos o mobiliário, as imagens, os altares, o material da sacristia e todo o entorno da Igreja.

Tinha especial cuidado com o Turíbulo, material sacro que manuseava com respeito e eficientemente nas celebrações. Sabia repicar com maestria, o sino da Igreja Matriz antes das missas e em momentos se faziam necessários para anunciar algum falecimento -- os mais antigos diziam que *“parecia que ele colocava as suas palavras no bater do sino”*. Também era sua missão cuidar dos relógios das igrejas: dar corda, limpar, colocar óleo nas engrenagens e alguns reparos rotineiros. Para chegar ao maquinário era necessário subir grande quantidade de degraus de madeira que davam acesso às partes mais altas da torre do templo. Certo dia acompanhado do jovem confrade Ovidio Arantes de Melo que observava atento aquele serviço disse a este: *“Estou ficando velho e não dou conta mais de subir estas escadas. De hoje em diante você é quem vai fazer este serviço”* -- e assim aconteceu.

‘MATA O BICHO!’

Sempre que as atividades profissionais permitiam, Trajano frequentava a casa paroquial localizada bem próximo da Igreja Matriz. A moradia foi construída em amplo terreno particular do padre, onde mantinha canteiros de hortaliças, legumes e todos os tipos de vegetais. O padre cultivava dezenas de parreiras e fabricava um excelente vinho, com certeza contava com a valiosa ajuda do senhor Trajano. Na época da colheita da uva e fabricação do vinho, Trajano subia até o Morro do Marruás (hoje bairro Bela Vista) e, por ordem do padre Abel, contratava cerca de 20 mulheres para fazerem este serviço. Cabiam à elas com os pés amassar as uvas para dar

início ao longo processo que o padre dominava e pacientemente ensinava aos seus auxiliares.

Trajano, quando menino foi testemunha da demolição da primeira matriz de Piumhi, templo barroco erguido no século XVIII. Mais tarde viu a demolição da segunda matriz na década de 1940 e surgir diante de seus olhos a majestosa e imponente Matriz atual. Também acompanhou a demolição da antiga Igreja do Rosário e o surgimento do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Ficamos imaginando qual teria sido a sua sensação ao acompanhar todos esses acontecimentos.

Lenda ou verdade, ouvi por diversas vezes a história de que certa vez na missa um marimbondo importunava o padre Abel e este aborrecido com pequeno inseto disse em tom bravo à Trajano: “Mata o bicho!”. Trajano sem pensar se apoderou logo do cálice e tomou todo o vinho que nele havia.

Permaneceu como sacristão até 1958. No início de 1959 o padre Abel faleceu e foi sepultado aos pés do altar de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Assumiu a Paróquia o dinâmico padre Alberico de Souza Santos, mas Trajano nunca se desligou totalmente de suas atividades na igreja. Tornou grande amigo e colaborar desse dinâmico sacerdote. Mesmo após a sua aposentadoria, já idoso, mantinha o serviço que amava: todos os dias pela estava ele com uma vassoura na mão varrendo o passeio em torno da Matriz.

No dia de Natal do ano de 1965 teve a dura notícia do falecimento de sua amada esposa, D^a Júlia que partiu aos 61 anos. A partir de então o seu semblante nunca mais foi o mesmo, parecia com o olhar distante, pensativo, mas sua fé se manteve inabalada. Conviveu com a tristeza da viuvez até 4 de agosto de 1978, quando serenamente entregou a sua alma à Deus. Trajano foi homenageado pela Câmara Municipal de Piumhi dando seu nome à rua que originou do remanescente da extinta praça Gustavo Pena, onde localizava a residência de Trajano, conforme disposição da lei nº 1.328 de 26 de agosto de 1997. Nesse ano de 2022 foi homenageado pela Paróquia Nossa Senhora do Livramento nos festejos da padroeira.

Nossa homenagem à Trajano Pinheiro Ribeiro, um personagem simples e humilde que com sua dedicação e comprometimento deixou um imenso legado à história de nossa cidade.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. Trajano Pinheiro Ribeiro: pedreiro, sacristão e o legado de simplicidade e idoneidade. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 101, 18 dez. 2022. Memória Piumhiense, p. 2.

Um terreno neutro num campo de batalha política

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

ALTO ARQUIVO

Esta é a última edição do ano de nosso querido Alto S. Francisco. Quero utilizar essa edição para congratular com meus leitores um feliz natal e um próspero ano novo e também a grata notícia que chegou ao meu conhecimento da digitalização e disponibilização no site do IFMG - Campos Piumhi das crônicas publicas na coluna “Memória Piumhiense” desde 25 de maio de 2017 pelo **ALTO**. Trata-se de um projeto da bibliotecária do Campus Piumhi, Andreia Damasceno e contou o apoio imprescindível dos estagiários Lúvia Cruz e Vitor Freitas Almada de Oliveira, estudantes do curso de Engenharia Civil. Agradeço de coração a iniciativa e destaque que o projeto é um grande incentivador para que possa continuar garimpando histórias de nossa ‘Cidade Carinho’.

Passando à crônica da semana, trago aos leitores alguns apontamentos da história do Piumhi Tênis Clube (PTC), fundado em 27 de dezembro de 1952, há exatos 70 anos atrás. O Clube nasceu como um campo neutro numa cidade que mais parecia um campo de batalha dividida pelas siglas partidárias PSD e UDN. Imagine o quanto foi difícil congregar um grupo de idealistas que estivessem dispostos a abrir mão de seu posicionamento político.

Ao longo da história de Piumhi houve algumas tentativas de fundação de um clube social, mas todas sem sucesso e as que conseguiram ser criados tiveram duração efêmera. No final do ano de 1952, o escrivão do crime José Camilo Maciel, partidário do PSD lançou a ideia da fundação de um clube social em Piumhi, pois não compreendia uma cidade como Piumhi não possuir ainda uma instituição onde os jovens pudessem buscar divertimento sadio.

Em 27 de dezembro de 1952, José Camilo Maciel conseguiu reunir mais 33 idealistas que aderiram à sua proposta. A reunião foi realizada no Cine e Teatro Cassini, na praça Dr. Avelino de Queiroz. Uma diretoria provisória foi eleita para dar andamento na estruturação do projeto, sendo escolhido como presidente Dario de Melo, mas este não aceitou o cargo, sendo substituído por Amâncio Cassini Neto que se tomou o primeiro presidente da instituição, tendo seu nome sido confirmado como presidente na Assembleia realizada em 5 de fevereiro do ano seguinte, ocasião em que foi aprovado o primeiro



O antigo prédio do Cine Cassini ‘berço’ do PTC há exatos 70 anos e que depois de reformas ainda abriga a Sede Social na praça Dr. Avelino

estatuto.

O nome da instituição, Piumhi Tênis Clube, foi definido nas primeiras reuniões e foi sugestão do próprio José Camilo Maciel – nome, aliás, inusitado, pois até então poucos piumhienses conheciam a modalidade esportiva tênis. Aprovado, no nome continua até hoje.

O PTC iniciou suas atividades no Salão do Hotel Cassini, que na verdade não era muito grande, mas a área que se destinava a servir o café da manhã daquele estabelecimento. Algumas adaptações foram realizadas e o Clube entrou em funcionamento. Em 1956 uma Assembleia decidiu construir a sede e para isso empreendeu-se grande campanha e José Neca da Costa vendeu o terreno que atendia ao objetivo, abaixo do valor de mercado e com condições de pagamento facilitadas. As campanhas para a construção foram iniciadas, mas como o sr. Guilherme Cassini resolveu vender o prédio do Hotel onde funcionava o Clube, momento em que a diretoria mudou os planos, adquirindo o prédio onde já funcionava.

A conquista da sede própria representou a consolidação do Clube. Novas adaptações e melhoramentos foram realizados e a estrutura começou a chamar a atenção dos piumhienses provocando vertiginoso aumento no número de sócios. O crescimento do quadro social permitiu maior arrecadação e consequentemente novos melhoramentos gerando uma situação cíclica.

Cada diretoria se esforçou para garantir um entretenimento saudável e acessível a todos os associados. Houve, é claro, momentos de dificuldades, mas tudo foi superado com grande criatividade e o comprometimento necessário.

Em janeiro de 1997, foi inaugurada a Sede Campestre, linda imponente e majestosa. Digna de fazer inveja aos melhores clubes de Minas Gerais. Sua construção, comandada por 8 anos pelo então presidente Álvaro Moreira da Silva, não marcou a estagnação de seu desenvolvimento. Em 1999 foi inaugurado pelo presidente Antero Viotti o Ginásio Poliesportivo. Muitos outros melhoramentos foram realizados ao longo dos anos, nunca se esquecendo da Sede Social. Nessa última gestão, o presidente Ênio Marcos Leal, tem se dedicado a aperfeiçoar cada vez mais a Campestre: foi construída uma usina fotovoltaica, inaugurada a nova academia e buscando atender as demandas dos associados criou o Plano Diretor que estabeleceu prioridades a serem desenvolvidas pela instituição em curto, médio e longo prazo.

Registro aqui os meus parabéns ao Clube através dos associados, pois a instituição jurídica só existe pela união das pessoas físicas. Dessa forma, desejamos que esses 70 anos de existência possa abrir um novo ciclo de realizações cada vez maior ao nosso grande PTC que sem dúvida ajuda a construir identidade de nossa Piumhi.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com